

BÁRBARA SACHET DE OLIVEIRA

**ANÁLISE ECONÔMICO-FINANCEIRA DAS DEMONSTRAÇÕES
CONTÁBEIS DE UMA EMPRESA DO RAMO PORTUÁRIO**

Monografia apresentada como requisito
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Ciências Contábeis da
Universidade de Caxias do Sul

Orientador: Prof. Ms. Alex Eckert

Caxias do Sul

2011

APROVAÇÃO

BÁRBARA SACHET DE OLIVEIRA

ANÁLISE ECONÔMICO-FINANCEIRA DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS DE UMA EMPRESA DO RAMO PORTUÁRIO

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Contábeis da Universidade de Caxias do Sul.

Banca examinadora:

Presidente/orientador

Prof. Ms. Alex Eckert

Examinadores

Trabalho apresentado e aprovado pela banca examinadora em ____/____/____

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Airton, a minha mãe Justina, a minha irmã Letícia e a todos que me apoiaram em especial aos meus amigos e família.

AGRADECIMENTOS

Quero demonstrar a minha gratidão a todos que de alguma maneira me ajudaram a chegar até este momento de minha vida. Serei sempre grata. Agradeço ao orientador Professor Alex Eckert, pela sua competência e orientação durante todo o desenvolvimento desta monografia. Agradeço de forma toda especial, à minha família e ao meu primo Gustavo Tisot.

PENSAMENTO

Uma jornada de duzentos quilômetros começa com um simples passo, e o caminho dos vencedores é sempre traçado passo a passo, com muito esforço, suor e muitas vezes com lágrimas. Sabemos que a alegria da vitória compensa qualquer sacrifício, somente pessoas corajosas, constantes e decididas chegam ao fim.

RESUMO

As empresas cada vez mais buscam a excelência nos resultados através de uma gestão competente dos recursos por ela administrados. Para isso, existem ferramentas que auxiliam os gestores a alcançarem este objetivo de forma eficiente e em um período de tempo aceitável. Este trabalho tem por objetivo identificar quais os índices econômico-financeiros que mais sofreram variações nos últimos anos na empresa Wilson Sons e diagnosticar quais as possíveis causas destas variações. Para atingir este objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, conceituando alguns índices econômico-financeiros e aplicando seus métodos de utilização nas demonstrações contábeis facilitando assim seu entendimento, bem como, conseguindo visualizar quais os índices que mais sofreram variações nos últimos anos e as possíveis causas destas variações. Aplicou-se um exemplo prático nas demonstrações contábeis da empresa Wilson Sons, facilitando a compreensão de forma aplicada. Ao final deste estudo chega-se a conclusão que a empresa tem bons índices, analisando as demonstrações contábeis, verifica-se que a Wilson Sons arriscou em um crescimento baseando-se em capital de terceiros a longo prazo, concentrou seus investimentos em ativos fixos e desta forma a empresa busca no futuro um incremento de suas receitas, possibilitando assim pagar os investimentos realizados e crescimento no mercado.

Palavras-chave: Análise das Demonstrações Contábeis, Índices Econômico-financeiros, Variações de Índices, Evolução Patrimonial.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Ciclo de Caixa e Ciclo Operacional.....	32
Figura 02 – Estrutura dos negócios da empresa Wilson Sons	34
Figura 03 – Gráfico de oscilação de valor de mercado anual da Wilson Sons.....	36
Figura 04 – Gráfico de oscilação de valor de mercado mensal da Wilson Sons.....	37
Figura 05 – Receita Líquida da Wilson Sons.....	38
Figura 06 – Gráfico do EBITDA da Wilson Sons.....	39
Figura 07 – Gráfico do Lucro Líquido da Wilson Sons.....	39

LISTAS DE QUADROS

Quadro 01 – Composição acionária da Wilson Sons.....	36
Quadro 02 - Oscilações das ações da Wilson Sons.....	37
Quadro 03 – Balanço Patrimonial da Wilson Sons anos 2009 e 2010.....	40
Quadro 04 – Balanço Patrimonial da Wilson Sons anos 2007 e 2008.....	41
Quadro 05 – Análise Vertical e Horizontal da Wilson Sons.....	42
Quadro 06 – DRE da Wilson Sons anos 2009 e 2010.....	44
Quadro 07 – DRE da Wilson Sons anos 2007 e 2008.....	45
Quadro 08 – Análise Horizontal e Vertical do DRE da Wilson Sons.....	46
Quadro 09 – Estrutura de Capital Ativa da Wilson Sons 2008 a 2010.....	58
Quadro 10 – Estrutura de Capital Passiva da Wilson Sons 2008 a 2010.....	58
Quadro 11 – Demonstração da Necessidade de Capital de Giro – 2010.....	59
Quadro 12 – Demonstração da Necessidade de Capital de Giro – 2009.....	60
Quadro 13 – Demonstração da Necessidade de Capital de Giro – 2008.....	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 IMPORTÂNCIA DO ESTUDO	11
1.2 QUESTÃO DE PESQUISA	12
1.3 OBJETIVOS	13
1.3.1 <i>Objetivo geral</i>	13
1.3.2 <i>Objetivos específicos</i>	13
1.4 METODOLOGIA.....	13
1.5 ESTRUTURA DO ESTUDO	14
2 ANÁLISE FINANCEIRA ESTÁTICA OU TRADICIONAL.....	16
2.1 CONTABILIDADE.....	16
2.2 ASPECTOS CONCEITUAIS DA ANÁLISE FINANCEIRA ESTÁTICA OU TRADICIONAL.....	17
2.3 ESTRUTURA DE CAPITAL	17
2.3.1 <i>Análise Vertical</i>	18
2.3.2 <i>Análise Horizontal</i>	18
2.4 INDICADORES DE LIQUIDEZ.....	19
2.4.1 <i>Liquidez Geral</i>	19
2.4.2 <i>Liquidez Corrente</i>	20
2.4.3 <i>Liquidez Seca</i>	21
2.4.4 <i>Liquidez Imediata</i>	21
2.5 INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO	22
2.5.1 <i>Endividamento Geral</i>	22
2.5.2 <i>Composição da Dívida (Endividamento Relativo no Curto Prazo)</i>	23
2.5.3 <i>Grau de Imobilização do Capital Próprio</i>	23
2.5.4 <i>Grau de Imobilização de Recursos não Corrente</i>	23
2.6 INDICADORES DE RENTABILIDADE E LUCRATIVIDADE	23
2.6.1 <i>Margem de Lucro Líquido</i>	24
2.6.2 <i>Margem de Lucro Bruto</i>	24

2.6.3	<i>Margem de Lucro Operacional</i>	25
2.6.4	<i>Retorno do Ativo (ROA)</i>	25
2.6.5	<i>Retorno do Capital Próprio (ROE)</i>	25
2.6.6	<i>Payback</i>	26
3	ANÁLISE DINÂMICA OU MODERNA	27
3.1	CAPITAL DE GIRO	27
3.2	NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO	28
3.3	SALDO DE TESOURARIA	30
3.4	EFEITO TESOURA	30
3.5	EBITDA	31
3.6	CICLO OPERACIONAL	31
3.6.1	<i>Ciclo Econômico</i>	31
3.6.2	<i>Ciclo Financeiro ou Ciclo de Caixa</i>	31
4	ANÁLISE ECONÔMICO-FINANCEIRA NA EMPRESA WILSON SONS	33
4.1	APRESENTAÇÃO DA EMPRESA	33
4.2	ASPECTOS DO MERCADO DE CAPITAIS	36
4.3	DEMONSTRAÇÕES ECONÔMICO-FINANCEIRAS AUDITADAS E PUBLICADAS	38
4.4	ANÁLISE HORIZONTAL E VERTICAL	42
4.5	INDICADORES DE LIQUIDEZ	47
4.5.1	<i>Liquidez Corrente</i>	47
4.5.2	<i>Liquidez Seca</i>	48
4.5.3	<i>Liquidez Geral</i>	49
4.6	INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO	50
4.6.1	<i>Endividamento Geral</i>	50
4.6.2	<i>Composição da Dívida (Endividamento Relativo no Curto Prazo)</i>	50
4.6.3	<i>Grau de Imobilização do Capital Próprio</i>	51
4.7	INDICADORES DE RENTABILIDADE E LUCRATIVIDADE	52
4.7.1	<i>Margem Bruta</i>	52
4.7.2	<i>Margem Operacional</i>	53
4.7.3	<i>Margem Líquida</i>	54
4.7.4	<i>Retorno do Ativo (ROA)</i>	55
4.7.5	<i>Retorno do Capital Próprio (ROE)</i>	56
4.8	ANÁLISE FINANCEIRA DINÂMICA OU MODERNA	57
4.8.1	<i>PARECER FINAL DA EMPRESA</i>	61
5	CONCLUSÃO	64
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66

1 INTRODUÇÃO

1.1 IMPORTÂNCIA DO ESTUDO

Cada vez mais as empresas buscam a excelência nos resultados através de uma gestão competente dos recursos por ela dispostos. Para isso, existem ferramentas que auxiliam os gestores a alcançar este objetivo de forma eficiente e em um período de tempo aceitável. Num cenário econômico de incertezas e de constante evolução como o que se está vivenciando, as organizações devem se preocupar com o acompanhamento e a avaliação de seus negócios, fazendo uso de ferramentas de gestão que sejam compatíveis com os novos tempos.

A escolha deste tema de pesquisa se deu em função da competitividade estar presente em todas as áreas de atuação e por este motivo as empresas precisam utilizar-se de algumas ferramentas que além de possibilitar uma melhor gestão empresarial, possibilitam também redução de custos e aumento de rentabilidade em suas empresas. Os administradores precisam criar o hábito de utilizar ferramentas que podem facilitar a sua tomada de decisão tanto financeira como estratégica, tendo em vista que se está em meio a um mercado atual muito competitivo. Segundo Matarazzo (2003, p.39) “a análise das demonstrações visa extrair informações para a tomada de decisão. O perfeito conhecimento do significado de cada conta facilita a busca de informações precisas.”

Caso a empresa tenha oscilado alguns valores em determinado período, os indicadores poderão auxiliar, dando aos gestores a garantia da tomada de decisão correta, estas ferramentas também conhecidas por indicadores financeiros tem uma grande importância para as empresas, são ferramentas indispensáveis para uma boa administração, pois com elas é possível visualizar se os objetivos traçados estão sendo alcançados e se há alguma necessidade de ajustes no planejamento, os administradores das empresas poderão utilizar-se delas para a tomada de decisão correta.

Desta forma, análise de demonstrações contábeis através de índices econômico-financeiros mostra-se como um importante instrumento na diminuição de riscos na tomada de decisão e aumento da probabilidade de acerto no resultado da mesma. Por meio da análise de demonstrações contábeis utilizando-se destes indicadores, é possível comparar os dados coletados com períodos passados,

confrontando-os ou não com metas ou diretrizes pré-estabelecidas. Abre-se ainda a chance de realizar comparações com as tendências regionais ou dos segmentos onde a empresa esteja inserida.

Iudícibus (2009, p. 6) confirma este entendimento e descreve:

A Análise de Balanço tem valor somente à medida que o analista estabeleça uma tendência (uma série histórica) dentro da própria empresa; compare os índices e relacionamentos obtidos com os mesmos índices e relacionamentos expressos em termos de metas; compare os índices e relacionamentos com os da concorrência, com outras empresas de amplitude nacional ou internacional. (INDÍCIBUS, 2009, p. 6).

Os indicadores serão apresentados de forma teórica para um melhor entendimento, deste modo poderá se verificar de que forma eles são calculados, o que significa os resultados obtidos, e a necessidade de conhecer cada um deles.

Finalmente, será demonstrada de forma prática a utilização dos indicadores financeiros em um estudo de caso sobre a empresa Wilson Sons, cujos indicadores serão calculados com base nas demonstrações contábeis.

Diante do exposto, entende-se que o tema apresentado é de grande importância, tanto para fins acadêmicos, científicos e profissionais, justificando-se plenamente a sua realização.

1.2 QUESTÃO DE PESQUISA

Os gestores e demais usuários das demonstrações contábeis necessitam atualmente de um bom entendimento e percepção quanto à importância do planejamento financeiro no desempenho organizacional, e este como vital para uma empresa ter uma correta tomada de decisão. Diante do exposto, a questão de pesquisa para este trabalho é: Quais os índices econômico-financeiros que mais sofreram variações nos últimos três anos em uma empresa do ramo de logística portuária, bem como, as possíveis causas destas variações?

A empresa a ser analisada no presente estudo é a Wilson Sons, controladora da empresa que administra o Terminal de Contêineres (TECON) do porto de Rio Grande – RS.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é identificar quais os índices econômico-financeiros que mais sofreram variações nos últimos anos na empresa do ramo de logística portuária chamada Wilson Sons e diagnosticar quais as possíveis causas destas variações.

1.3.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- Fazer o levantamento bibliográfico relacionado aos índices econômico-financeiros (conceitos, técnicas etc.);
- Apresentar e exemplificar os índices econômico-financeiros mais relevantes;
- Apresentar os tipos existentes de análise de índices;
- Analisar o comportamento dos indicadores econômico-financeiro na empresa Wilson Sons.

1.4 METODOLOGIA

O método de pesquisa utilizado será a pesquisa bibliográfica, onde, através de levantamentos dos assuntos relacionados ao tema a ser pesquisado, busca-se evidenciar os diversos aspectos que devem ser considerados como a importância que os indicadores financeiros têm para as empresas e como os administradores das mesmas poderão utilizar-se deles para a tomada de decisão correta.

Em relação à pesquisa bibliográfica, Gil (1999), coloca que a mesma é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna

particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Após, será feito um estudo de caso utilizando as demonstrações contábeis da empresa Wilson Sons. Segundo Carmo - Neto (1996), este utiliza casos concretos ao invés de casos hipotéticos, com a finalidade de permitir que, através da maior convivência com a sintomatologia dos problemas e dificuldades inerentes ao caso, o estudante aprenda a diagnosticar situação e, sob orientação, indicar a terapia e os medicamentos que lhe parecem mais adequados. Para Mattar (1997), o estudo de caso é um método de conhecer problemas não suficientemente definidos através de outras fontes de pesquisas. Esta estratégia envolve uma análise de registros existentes. O objetivo de estudo pode ser um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, uma organização, um grupo de organizações ou uma situação. Sendo um método de pesquisa exploratória, seu objetivo é o de gerar hipóteses e possibilitar a ampliação dos conhecimentos sobre o problema em estudo.

A escolha do sistema de análise dos indicadores financeiros se deu em função de que se parte do pressuposto de que seja de fundamental importância tanto para a empresa como para os administradores das mesmas, tendo em vista que eles poderão utilizar-se deles para identificar possíveis causas de variações ocorridas durante os anos que serão analisados, possibilitando uma tomada de decisão correta e desta forma conseguindo visualizar a necessidade de ajustes no planejamento.

Diante das colocações dos autores, entende-se que as metodologias escolhidas são as mais adequadas para o tipo de estudo proposto.

1.5 ESTRUTURA DO ESTUDO

No primeiro capítulo são apresentados a importância deste estudo, o objetivo geral e os objetivos específicos e será apresentada a questão de pesquisa, a metodologia utilizada e a estrutura do estudo.

No segundo capítulo são apresentados aspectos teóricos da análise financeira estática ou tradicional. Neste capítulo, inicialmente, serão abordados os aspectos conceituais relacionados com este tipo de análise seguido de exemplos para um melhor entendimento do assunto. O objetivo desse capítulo é demonstrar a importância que este tipo de análise apresenta nas demonstrações contábeis.

No terceiro capítulo são apresentados aspectos teóricos da análise dinâmica ou moderna onde serão abordados os aspectos conceituais relacionados com este tipo de análise seguido de exemplos em alguns casos, para um melhor entendimento do assunto.

No quarto capítulo apresenta-se um estudo de caso da empresa Wilson Sons, visando demonstrar a aplicação dos conceitos apresentados. Inicialmente, será feita uma apresentação da empresa e de sua estrutura. Em seguida serão calculados alguns índices financeiros para verificar as variações que ocorreram em algumas contas das demonstrações apresentadas, para que se possa analisar qual o significado destes índices.

Ao final do estudo, na conclusão, pretende-se atingir o objetivo principal da pesquisa, ou seja, indicar quais os índices econômico-financeiros mais sofreram alterações nos últimos anos e procurar identificar quais foram as possíveis causas dessas variações para a empresa Wilson Sons.

2 ANÁLISE FINANCEIRA ESTÁTICA OU TRADICIONAL

2.1 CONTABILIDADE

Franco (1997) explica que a Contabilidade estuda o patrimônio das entidades, registrando todos os fatos nele ocorrido, para demonstrar seu estado e suas variações, ou seja, a existência da contabilidade decorre da necessidade de se conhecer e controlar o patrimônio da empresa que é a riqueza, individual ou coletiva, imprescindível à satisfação das necessidades humanas.

A Contabilidade é indispensável para a gestão de negócios. Ross, Westerfield e Jordan (2000) acreditam que o balanço patrimonial é um retrato da empresa, é a maneira que empresa se utiliza de organizar e resumir o que possui, são Demonstrações Financeiras que mostram os valores contábeis da empresa em um determinado momento.

A Contabilidade como um instrumento de análise utiliza-se de suas demonstrações contábeis para informar aos administradores a situação econômico - financeira da empresa auxiliando na tomada de decisões. Segundo Brasil e Brasil (2002, p. 2)

A importância da empresa na sociedade moderna faz com que sua sobrevivência interesse a todos os seus parceiros: acionistas, financiadores, empregados, fornecedores, clientes e governo. É, pois, necessário acompanhar permanentemente sua saúde econômico-financeira, pelo uso de um instrumento de análise adequado a esses novos objetivos. (BRASIL e BRASIL, 2002, p. 2).

Os mesmo autores colocam ainda que para não ficar restrita a uma função de simples registro e se transformar em um instrumento de gestão da empresa, a contabilidade deve sofrer certas adaptações, os administradores das empresas se convenceram que a contabilidade não é apenas calcular impostos, vai muito além disto. Para fazer com que a contabilidade seja sistêmica, no âmbito de cada demonstrativo e entre si, temos que conceituar um modelo que abarque a empresa como um todo, da ótica financeira.

2.2 ASPECTOS CONCEITUAIS DA ANÁLISE FINANCEIRA ESTÁTICA OU TRADICIONAL

O papel da análise econômico-financeira no ambiente empresarial refere-se a um estudo da viabilidade, estabilidade e lucratividade de um negócio. Engloba um conjunto de instrumentos e métodos que permitem indicar se os objetivos estão sendo atingidos e se há necessidade de ajustes no planejamento.

Para que se possa verificar a situação econômico-financeira de uma empresa, torna-se indispensável a utilização de alguns indicadores, os quais tornam mais precisa a informação e facilitam algumas comparações. Segundo Matarazzo (2003), a principal preocupação dos índices de balanço é fornecer avaliações genéricas sobre diferentes aspectos da empresa em análise, sem descer a um nível maior de profundidade. O mesmo autor afirma a análise de indicadores fornece apenas alguns indícios que poderão ser confirmados através de outras técnicas.

Os dados utilizados para fazer a análise são na sua grande maioria retirados dos principais documentos financeiros das empresas como o balanço patrimonial, demonstração do resultado do exercício, demonstração do fluxo de caixa, entre outros. Para Silva (1996), uma vez tabulados os dados das demonstrações financeiras, o analista fará consistência dos mesmos, visando identificar eventuais erros de planilhamento ou mesmo irregularidades.

Conforme opiniões apresentadas, a análise financeira estática ou tradicional baseia-se na relação de contas e agrupamento de contas do Balanço, da Demonstração de Resultados e da Demonstração dos Fluxos de Caixa, entre outras.

2.3 ESTRUTURA DE CAPITAL

Segundo Brigham (1999), a estrutura de capital é o equilíbrio entre risco e retorno que maximiza o preço das ações de uma empresa. O autor diz com isso que a estrutura de capital de uma empresa refere-se à composição das fontes de financiamento a longo prazo de capitais de terceiros (exigível) e de capitais próprios (patrimônio líquido), ou seja, a estrutura de capital é determinada pelo composto de endividamento a longo prazo que uma empresa utiliza para financiar suas operações, está relacionado com o custo de capital total da empresa.

Podem ser identificadas duas grandes linhas de pensamento: a convencional e as quais divergem por aceitar e rejeitar a possibilidade de existência de uma estrutura de capital. Segundo o mesmo autor, as decisões inadequadas de estrutura de capital podem resultar em um elevado custo de capital, o qual tornaria mais difícil encontrar investimentos aceitáveis. Os dois tipos básicos de capital são: capital de terceiros e capital próprio. O termo capital denota fundos da empresa a longo prazo.

2.3.1 Análise Vertical

Para Silva (1996), o primeiro propósito da análise vertical é mostrar a participação relativa de cada item de uma demonstração financeira em relação a determinado referencial. É uma técnica de análise muito simples, mede proporções entre os valores e a base, ou seja, para calcularmos os percentuais dividimos o valor de cada conta da demonstração pelo valor base e multiplicamos por 100. Chega-se no indicador através da seguinte fórmula:

$$\frac{\text{Valor do Item do DRE ou BP no Ano Atual}}{\text{Valor Base}} \times 100$$

Onde :

DRE = Demonstração do Resultado do Exercício

BP = Balanço Patrimonial

2.3.2 Análise Horizontal

Para Silva (1996), a análise horizontal tem a finalidade de evidenciar a evolução dos itens das demonstrações contábeis, por meio dos períodos. Calculam-se os números-índices estabelecendo o exercício mais antigo como índice-base 100. Podem ser calculados, também, aumentos anuais. Quando o valor do item correspondente no exercício-base for nulo podem ser analisadas variações em valores absolutos e quando o exercício-base apresenta um número negativo e no exercício seguinte o número fica positivo (e vice-versa), matematicamente, é calculável, mas o resultado deve ser tratado com bastante cuidado, para não ocorrerem interpretações equivocadas da evolução.

Iudícibus (2009, p. 83) também confirma este entendimento e descreve:

A finalidade principal da análise horizontal é apontar o crescimento de itens dos Balanços e das Demonstrações de Resultados (bem como de outros demonstrativos) através dos períodos, a fim de caracterizar tendências. (INDÍCIBUS, 2009, p. 83).

2.4 INDICADORES DE LIQUIDEZ

Conforme descreve Silva (1996, p. 207), “os índices financeiros são relações entre contas ou grupo de contas das demonstrações financeiras que tem por objetivo fornecer-nos informações que não são fáceis de serem visualizadas de forma direta nas demonstrações financeiras”, ou seja, a análise por meio de índices consiste em relacionar contas e grupos de contas para extrair conclusões sobre tendências e situação econômico-financeira da empresa.

Para uma ampla e correta análise de liquidez da empresa é aconselhável o estudo dos quatro índices de forma simultânea e comparativa, sempre observando quais são as necessidades da empresa, qual o ramo do mercado em que ela está inserida e quais as respostas que os gestores procuram ao calcular estes índices. Um balanço patrimonial bem estruturado com a correta classificação das contas pela contabilidade irá gerar índices de qualidade para uma melhor tomada de decisão dos gestores.

2.4.1 Liquidez Geral

Conforme descreve Silva (1996, p. 221) “a liquidez geral indica quanto à empresa possui em dinheiro, bens e direitos realizáveis a curto e longo prazo, para fazer em face de suas dívidas totais”. Segundo o autor, este indicador tem por objetivo demonstrar a capacidade da empresa em liquidar suas dívidas de curto e longo prazo. Chega-se no indicador através da seguinte fórmula:

$$\frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável de Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível de Longo Prazo}}$$

Exemplo:

Ativo	\$	Passivo	\$
Circulante	550	Circulante	100
Realizável	56	Exigível	250
Permanente	<u>2000</u>	PL	<u>2256</u>
Total do Ativo	2606	Total do Passivo	2606

Aplicando a fórmula $(AC + RLP / PC + ELP)$, $(550 + 56 / 100 + 250)$, chega-se a porcentagem de 1,7314, ou seja, para cada R\$ 1,00 de dívida existente, a empresa dispõe de R\$ 1,73 no seu ativo de curto e longo prazo. Demonstrando capacidade financeira em relação as suas obrigações.

2.4.2 Liquidez Corrente

Segundo Silva (1996), a liquidez corrente é calculada a partir da razão entre os direitos a curto prazo da empresa (caixa, bancos, estoques, clientes) e a as dívidas a curto prazo (empréstimos, financiamentos, impostos, fornecedores). No Balanço estas informações são evidenciadas, respectivamente, como Ativo Circulante e Passivo Circulante. Para chegarmos à porcentagem de liquidez corrente para análise, utiliza-se a seguinte fórmula:

$$\frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Exemplo:

Ativo	\$	Passivo	\$
Circulante	550	Circulante	100
Realizável	56	Exigível	250
Permanente	<u>2000</u>	PL	<u>2256</u>
Total do Ativo	2606	Total do Passivo	2606

Aplicando a fórmula (AC / PC) , $(550 / 100)$, chega-se a porcentagem de 5,50, ou seja, a partir do resultado obtido podemos fazer a seguinte análise:

- Maior que um: Resultado que demonstra folga no disponível para uma possível liquidação das obrigações.

- Se igual a um: Os valores dos direitos e obrigações a curto prazo são equivalentes.
- Se menor que um: Não haveria disponibilidade suficientes para quitar as obrigações a curto prazo, caso fosse preciso.

2.4.3 *Liquidez Seca*

Para Iudícibus (2009 p. 96) “a liquidez seca é uma variante muito adequada para se avaliar conservadoramente a situação de liquidez da empresa.” O autor explica que é similar a liquidez corrente, o índice de liquidez seca considerado como o mais rigoroso dos índices, uma vez que elimina os estoques que são considerados como fontes de incertezas e responsáveis por muitas vezes se ter uma falsa idéia de liquidez. Este índice revela se a empresa depende dos seus estoques para ter uma liquidez equilibrada. Utiliza-se a seguinte fórmula:

$$\frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques}}{\text{Passivo Circulante}}$$

2.4.4 *Liquidez Imediata*

Iudícibus (2009, p. 93) diz que, “em relação à liquidez imediata, este quociente representa o valor de quanto dispomos imediatamente para saldar nossas dívidas de curto prazo.” O autor explica ainda que é um índice conservador, considera apenas caixa, saldos bancários e aplicações financeiras de liquidez imediata para quitar as obrigações. Excluindo-se além dos estoques as contas e valores a receber. Um índice de grande importância para análise da situação a curto-prazo da empresa. Utiliza-se a seguinte fórmula:

$$\frac{\text{Disponível}}{\text{Passivo Circulante}}$$

2.5 INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

Para Assaf Neto (2010), este índice avalia a proporção de recursos próprios e de terceiros mantidos pela empresa, sua dependência financeira por dívidas de curto prazo, a natureza de suas exigibilidades e seus riscos financeiros, ou seja, revela o grau de endividamento da empresa. A análise desse indicador por diversos exercícios mostra a política de obtenção de recursos da empresa. Isto é, se a empresa vem financiando o seu Ativo com Recursos Próprios ou de Terceiros e em que proporção.

Iudícibus (2009, p. 97) também confirma este entendimento e descreve:

Estes quocientes relacionam as fontes de fundos entre si, procurando retratar a posição relativa do capital próprio com relação ao capital de terceiros. São quocientes de muita importância, pois indicam a relação de dependência da empresa com relação a capital de terceiros.(IUDÍCIBUS,2009, p.97).

Segundo Assaf Neto (2010, p.137), pode-se dividir os indicadores de endividamentos (estrutura de capital) em endividamento geral, composição da dívida, grau de imobilização de capital próprio e grau de imobilização de recursos não correntes:

2.5.1 Endividamento Geral

Mede a porcentagem dos recursos totais da empresa que se encontra financiada por capital de terceiros, ou seja, para cada unidade monetária de recursos captados pela empresa, mede quanto provém de fontes de financiamento não próprias, isso é:

$$\frac{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}{\text{Passivo Total}}$$

2.5.2 Composição da Dívida (Endividamento Relativo no Curto Prazo)

Este indicador reflete a proporção das dívidas de curto prazo, em relação às dívidas totais. As empresas com indicadores de endividamento alto no curto prazo oferecem maiores riscos.

$$\frac{\text{Passivo Circulante}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$$

2.5.3 Grau de Imobilização do Capital Próprio

O índice descreve em quanto o Ativo Permanente é financiado pelo capital próprio da empresa, mostrando o grau de dependência de recursos de terceiros

$$\frac{\text{Ativo Permanente}}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

2.5.4 Grau de Imobilização de Recursos não Corrente

O índice identifica o nível de imobilização dos recursos permanentes (Longo Prazo) da empresa, isto é, o percentual desses recursos que está financiando os ativos permanentes.

$$\frac{\text{Ativo Permanente}}{\text{Patrimônio Líquido} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$$

2.6 INDICADORES DE RENTABILIDADE E LUCRATIVIDADE

De acordo com Gitman (1997), existem inúmeras medições da rentabilidade, essas medições permitem ao analista avaliar os lucros da empresa em relação a certo nível de vendas, a certo nível do ativo ou ao volume de capital investido pelos proprietários. Sem lucros, uma empresa não poderia atrair capital externo, o autor

diz ainda que os proprietários, credores e administradores preocupam-se muito com o aumento do lucro, por isso é visto como algo muito importante no mercado.

Silva (1995, p. 238) descreve:

Os índices de retorno, também conhecidos por índices de lucratividade ou mesmo rentabilidade, indicam qual o retorno que o empreendimento está propiciando. (SILVA, 1995, p.238).

2.6.1 Margem de Lucro Líquido

Gitman (1997) explica que a margem de lucro mede a porcentagem de cada unidade monetária de vendas que resta após a dedução de todos os custos e despesas, incluindo juros, impostos e dividendos de ações preferenciais. Quanto mais alta esta margem, melhor, ou seja, menor o custo relativo dos produtos vendidos. Silva (1995) confirma este entendimento e diz que o Índice de Retorno sobre as Vendas compara o lucro líquido em relação às vendas líquidas do período, fornecendo o percentual de lucro que a empresa está obtendo em relação a seu faturamento. Calcula-se a Margem de Lucro Líquido da seguinte forma:

$$\frac{\text{Lucro Líquido Disponível}}{\text{Receita de Vendas}}$$

2.6.2 Margem de Lucro Bruto

Para Gitman (1997), a margem de lucro bruto mede a porcentagem de cada unidade monetária de vendas que resta após o pagamento do custo dos produtos vendidos. Quanto mais alta esta margem, melhor, pois menor será o custo relativo dos produtos vendidos. Calcula-se a Margem de Lucro Bruto da seguinte forma:

$$\frac{\text{Receita de Vendas} - \text{CPV}}{\text{Receita de Vendas}}$$

Onde:

CPV= Custo do Produto Vendido

2.6.3 Margem de Lucro Operacional

Gitman (1997) explica que a margem de lucro operacional mede a proporção de cada unidade monetária de receita de venda que permanece após a dedução de todos os custos e despesas, não incluindo juros, impostos e dividendo de ações preferenciais. O mesmo autor ainda diz que representa o lucro puro obtido em cada unidade de receita, puro porque mede somente o resultado obtido nas operações, ignorando juros, impostos e dividendos. Uma margem de lucro operacional elevada tem preferência. Ela é calculada da seguinte forma:

$$\frac{\text{Resultado Operacional}}{\text{Receita de Vendas}}$$

2.6.4 Retorno do Ativo (ROA)

Segundo Gitman (1997), também pode ser chamado de Retorno do Investimento, mede a eficácia geral da administração de uma empresa em termos de geração de lucro com os ativos disponível, quanto mais alto for, melhor para a empresa. Silva (1995) acrescenta dizendo que este índice indica a lucratividade que a empresa propicia em relação aos investimentos. Calcula-se da seguinte forma:

$$\frac{\text{Lucro Líquido Disponível}}{\text{Ativo Total}}$$

2.6.5 Retorno do Capital Próprio (ROE)

Gitman (1997) diz que o Retorno do Capital Próprio mede o retorno obtido no investimento do capital dos acionistas ordinários da empresa, quanto mais alto o ROE melhor para os acionistas. Silva (1995, p.246) acrescenta: “o índice de Retorno sobre o Patrimônio Líquido indica quanto de prêmio que os acionistas ou proprietários da empresa estão obtendo em relação a seus investimentos no empreendimento. O lucro, portanto, é o prêmio do investidor pelo risco de seu negócio.” Calcula-se da seguinte forma:

$$\frac{\text{Lucro disponível para os acionistas ordinários}}{\text{Patrimônio dos acionistas ordinários}}$$

2.6.6 *Payback*

Embora não seja especificamente um índice de lucratividade e rentabilidade, muitas empresas usam o *payback* como forma de avaliar o tempo de retorno de um investimento, e está indiretamente ligado às receitas da empresa.

Segundo Motta e Calôba (2002), o *payback* pode ser chamado também de tempo de recuperação do investimento, pode ser calculado de forma simples, pela razão entre investimentos e receitas. De forma geral, quanto mais alongado o prazo de re-pagamento do empréstimo, ou *payback*, menos interessante ele se torna para o prestador. O *payback*, ou *payout*, é utilizado como referência para julgar a atratividade relativa das opções de investimento. Deve ser encarado com reservas, apenas como um indicador; não servindo para seleção entre alternativas de investimento.

Helfert (2000) explica que o *Payback* é uma das técnicas de análise de investimento mais comuns que existem. O *Payback* leva em conta o tempo do investimento e conseqüentemente é uma metodologia mais apropriada para ambientes com risco elevado. Este método visa calcular o número de períodos ou quanto tempo o investidor irá precisar para recuperar o investimento realizado. Um investimento significa uma saída imediata de dinheiro. Em contrapartida se espera recuperar essa saída, o *Payback* calcula quanto tempo isso irá demorar.

O *Payback* indica em quantos períodos (normalmente anos) há retorno do investimento inicial. É uma informação complementar quando o tempo de recuperação for importante para o decisor. A análise combinada do *Payback* com outros indicadores poderá demonstrar informações valiosas como a relação entre valor e tempo de retorno dos investimentos.

3 ANÁLISE DINÂMICA OU MODERNA

De acordo com Brasil e Brasil (1999), o enfoque tradicional da análise contábil tradicional que está centrada em uma visão estática da empresa, para um enfoque dinâmico. A análise pelo modelo dinâmico inicia-se com a reclassificação das contas do Balanço em circulante ativo, passivo e permanente.

As contas do grupo circulante ativo e passivo são subdivididos, conforme sua natureza em operacionais e financeiras: ativo circulante financeiro, ativo circulante operacional, passivo circulante financeiro e passivo circulante operacional.

Os mesmos autores ainda explicam que o ativo circulante operacional é composto por contas que giram rapidamente em uma empresa e são necessárias para o ritmo das operações, por isso não podem ser realizadas sob pena de comprometer a continuidade da empresa tais como: estoque, duplicatas a receber, despesas pagas antecipadas etc., enquanto o passivo circulante operacional é constituído por exigibilidades de curto prazo como duplicatas a pagar, impostos, taxas, contas a pagar diversas, etc.

O ativo circulante financeiro é formado por contas essencialmente financeiras como caixa, bancos, aplicações financeiras de liquidez imediata e aplicações financeiras de curto prazo. O passivo circulante financeiro formado por passivo de curto prazo que provocam despesas financeiras como empréstimos e financiamento com vencimento no curto prazo, duplicatas descontadas.

3.1 CAPITAL DE GIRO

Conforme descreve Assaf Neto (2010, p.553), “a administração do capital de giro (circulante) envolve basicamente as decisões de compra e venda tomada na empresa, assim como suas mais diversas atividades operacionais e financeiras”. Portanto, quanto maior for o capital de giro, maior será a necessidade de financiamento, seja com recursos próprios, seja com recursos de terceiros. É de fundamental importância à administração de capital de giro em uma sociedade, pois é com estes recursos que a empresa se mantém em funcionamento no curto prazo, são recursos que as empresas mantêm em caixa para atender suas necessidades operacionais imediatas.

Para Assaf Neto (2010, p.181), a importância do capital de giro assim se expressa:

O comportamento do capital de giro é extremamente dinâmico, exigindo modelos eficientes e rápidos de avaliação da situação financeira da empresa. Uma necessidade de investimento em giro mal dimensionado é certamente uma fonte de comprometimento da solvência da empresa, com reflexos sobre sua posição econômica de rentabilidade. (ASSAF NETO, 2010, p.181).

3.2 NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO

As variações de capital de giro podem levar a falência muitas empresas, principalmente as pequenas e médias. Matarazzo (2003) explica que a necessidade de capital de giro é não só um conceito fundamental para a análise da empresa do ponto de vista financeiro, ou seja, análise de caixa, mas também de estratégias de financiamento, crescimento e lucratividade.

A Necessidade de Capital de Giro (NCG) de uma empresa é proveniente das aplicações nas contas do Ativo Circulante Operacional, como clientes e estoques podem ser financiados através do capital próprio ou de terceiros podendo variar por diversos motivos como alterações dos preços dos estoques, aumentos ou diminuições dos níveis da atividade econômica, mudanças nos prazos dos pagamentos de fornecedores e recebimentos de clientes. Para Matarazzo (2003, p.344), a NCG é definida a partir das atividades operacionais: “O Ativo Circulante Operacional - ACO é o investimento que decorre automaticamente das atividades de compra/ produção/ estocagem/ venda, enquanto o Passivo Circulante Operacional - PCO é o financiamento, também automático, que decorre dessas atividades.”

Para Assaf Neto (2010), a necessidade de investimento em giro revela o montante de capital permanente que uma empresa necessita para financiar seu capital de giro. Esse volume é determinado pelo nível de atividade da empresa (produção e vendas) e prazos operacionais. O mesmo autor descreve que esses prazos operacionais podem ser divididos em:

- Prazo Médio de Estocagem (PME)

Prazo médio de estoques demonstra em média, quanto tempo o estoque da empresa permanece parado, aguardando até ser vendido. Quanto mais tempo, maiores serão os custos com a sua manutenção, custo de armazenagem, custo de oportunidade do seu valor financeiro, que poderia ser utilizado em outras fontes de

rendimentos da sociedade. Indica o tempo médio verificado desde a aquisição do material até sua requisição na produção, ou seja, o tempo médio (em dias) que a matéria-prima permanece no estoque à espera de ser consumida no processo de produção:

$$\frac{\text{Estoque Médio de Matéria-Prima}}{\text{Consumo Anual}} \times 360$$

- Prazo Médio de Cobranças (PMC)

O Prazo médio de recebimento de vendas leva em conta, em média, o tempo que a empresa recebe por suas vendas a prazo, o giro das vendas. Obtêm-se este valor pela divisão do saldo de valores a receber pelo volume médio diário de vendas:

$$\frac{\text{Valor Médio das Duplicatas a Receber}}{\text{Vendas Anuais a Prazo}} \times 360$$

- Prazo Médio de Pagamentos a Fornecedores (PMPF)

Prazo médio de pagamento a fornecedores é tempo em média que a empresa leva para liquidar seus fornecedores, é formulado pela relação entre o total de compras efetuadas, e o saldo médio de contas a pagar.

$$\frac{\text{Valor Médio das Duplicatas a Pagar}}{\text{Compras Anuais a Prazo}} \times 360$$

- Prazo Médio de Pagamento de Despesas Operacionais (PMPD)

Prazo médio de recolhimento de obrigações fiscais é o tempo médio que a sociedade tem para pagar seus tributos sobre vendas:

$$\frac{\text{Despesas a Pagar}}{\text{Despesas Incorridas}} \times 360$$

3.3 SALDO DE TESOURARIA

Brasil e Brasil (2002) dizem que o Saldo de Tesouraria é obtido através da diferença entre ativo circulante financeiro e passivo circulante financeiro ou, pela diferença entre o Capital de Giro e Necessidade de Capital de Giro e revela (evidencia) a margem de segurança financeira. A variável Tesouraria é sem dúvida, aquela que melhor expressa a situação financeira de curto prazo das empresas.

O seu saldo positivo indica uma situação financeira folgada, se o saldo for negativo, indica a utilização de recursos de terceiros para financiar as atividades operacionais da empresa, ou seja, quando o capital de giro for menor que a diferença entre o ativo e o passivo circulante, indica insuficiência de fundos para financiar a necessidade de capital de giro a longo prazo, se esta diferença for positiva, a empresa disporá de fundos para aplicação no mercado financeiro, aumentando sua margem de segurança e reduzindo o risco financeiro.

3.4 EFEITO TESOURA

Brasil e Brasil (2002) dizem que a empresa convive com o efeito tesoura quando ela apresenta por vários exercícios seguidos a Necessidade de Capital de giro superior ao capital de Giro Líquido. O efeito tesoura demonstra que a empresa é incapaz de financiar adequadamente as suas dívidas, a excessiva dependência de empréstimos de curto prazo torna a liquidez da empresa um fator crítico para a continuidade de suas operações.

Assaf Neto (2010) descreve o efeito tesoura como um crescente saldo de disponível negativo, ou seja, quando uma empresa apresenta por vários exercícios seguidos um crescimento da Necessidade de Capital de Giro superior ao do Capital Circulante Líquido. O efeito tesoura pode ocorrer pelo crescimento elevado do nível de atividade empresarial, desvio de recursos do giro para imobilizações, inflação, etc.

Pode-se concluir que quando uma empresa apresentar capital de giro menor do que a necessidade de capital de giro, com o crescimento das atividades, a tendência é aumentar essa diferença, para reduzir o risco de insolvência da empresa, é necessário evitar a dependência de empréstimos de curto prazo para financiar a necessidade de capital de giro.

3.5 EBITDA

Segundo Assaf Neto (2010), o EBITDA equivale ao conceito de Fluxo de Caixa Operacional da empresa, apurado antes do cálculo do Imposto de Renda. Na apuração do EBITDA são desconsideradas as despesas financeiras, os juros sobre capital próprio e eventualmente as receitas financeiras obtidas por aplicações de excessos de disponibilidades no mercado financeiros.

O mesmo autor conclui que o EBITDA revela a eficiência financeira determinada pelas estratégias operacionais adotadas, quanto maior for o índice, mais eficiente se apresenta a formação de caixa proveniente das operações (ativos), e melhor ainda, a capacidade de pagamentos aos proprietários de capital e investimento demonstrados pela empresa.

3.6 CICLO OPERACIONAL

3.6.1 *Ciclo Econômico*

Segundo descrevem Brasil e Brasil (2002, p.17). “o ciclo econômico começa com as compras das matérias-primas e termina com as vendas dos produtos ou serviços acabados, dependendo do tipo de negócio”. Ou seja, o ciclo econômico é o tempo em que a mercadoria permanece em estoque. Vai desde a aquisição dos produtos até o ato da venda, não levando em consideração o recebimento das mesmas (encaixe).

3.6.2 *Ciclo Financeiro ou Ciclo de Caixa*

Brasil e Brasil (2002, p.17) descrevem que, “o ciclo financeiro começa com o pagamento dos fornecedores e terminam com o recebimento das duplicatas, incluindo no intervalo, vários outros desembolsos referentes a salários, impostos, encargos etc.”. Também conhecido como Ciclo de caixa é o tempo entre o pagamento a fornecedores e o recebimento das vendas. Quanto maior o poder de negociação da empresa com fornecedores, menor o ciclo financeiro.

Gitman (1997) demonstra através da Figura 01, que a conversão de caixa está dentro do ciclo operacional, que começa com a entrada da matéria prima no estoque e que envolve basicamente duas categorias de ativos, o estoque e o contas e receber. Porém para a fabricação e venda do produto são necessários vários gastos como a compra de matéria prima e a mão de obra, que resulta em passivos que são as contas a pagar:

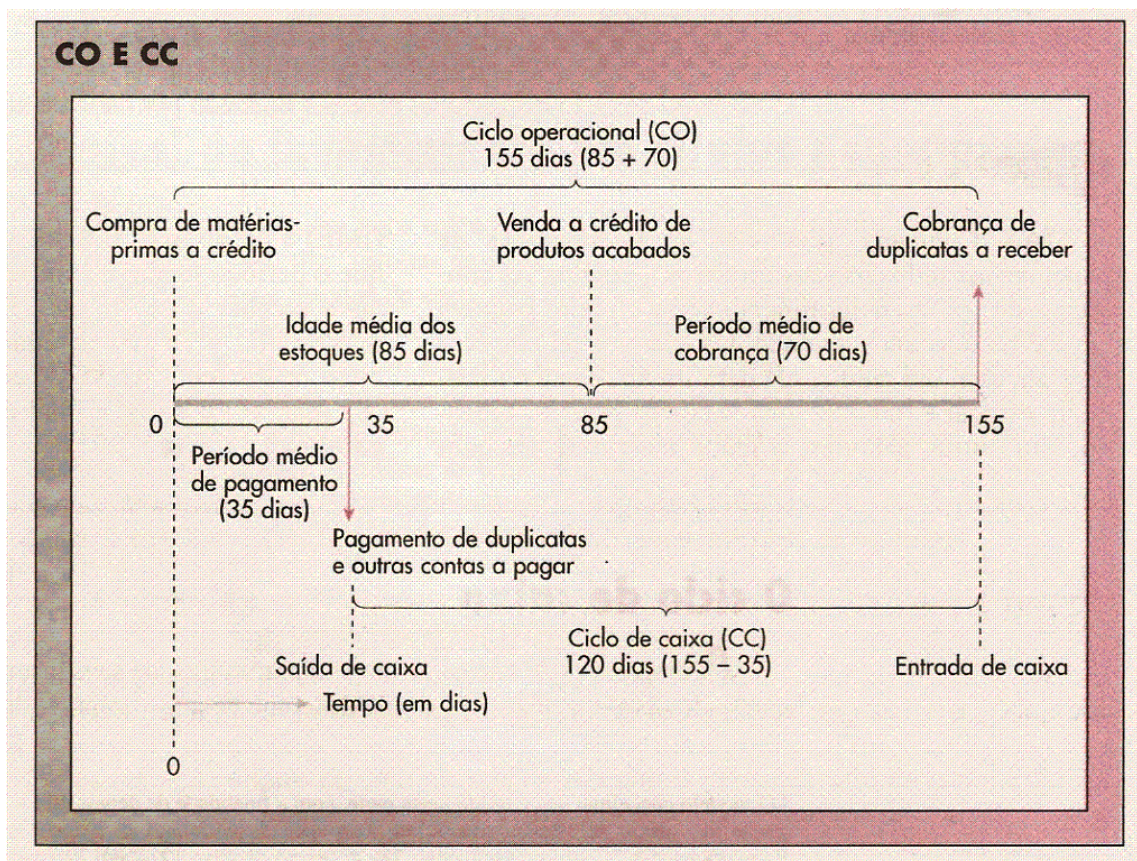


Figura 01 – Ciclo de Caixa e Ciclo Operacional
Fonte: GITMAN, Lawrence J. P. 670.

4 ANÁLISE ECONÔMICO-FINANCEIRA NA EMPRESA WILSON SONS.

Este capítulo terá por finalidade demonstrar de forma prática, os estudos desenvolvidos nos capítulos anteriores. Será desenvolvido um estudo de caso envolvendo a empresa Wilson Sons. O objetivo é aplicar conceitos e visualizar a importância da utilização da análise econômico-financeira na sociedade, verificando as variações patrimoniais e econômicas em Dólar, nos anos de 2010 a 2008.

O motivo da escolha desta empresa deve-se ao fato dela administrar o Tecon (Terminal de Contêineres) do Porto do Rio Grande, único porto marítimo do Rio Grande do Sul, local por onde é exportada grande parte dos produtos do Rio Grande do Sul. Os dados relativos à empresa foram obtidos no site da companhia, (<http://www.wilsonsons.com.br>) e no site da Bolsa de Valores de São Paulo, (www.bmfbovespa.com.br).

4.1 APRESENTAÇÃO DA EMPRESA

A Wilson Sons é uma companhia que atua no segmento marítimo e foi fundada em Salvador, na Bahia, em 1837, pelos irmãos escoceses Edward e Fleetwood Pellew Wilson. Ela é considerada uma das mais antigas empresas privadas do país. A companhia firmou-se mundialmente como renomada em prestação de serviços nos setores marítimos.

Com o passar dos anos, a Wilson Sons passou a coordenar importações e exportações de produtos de primeira necessidade. Foi grande fornecedora de carvão combustível para indústrias e navios por muitos anos. A empresa evoluiu e se desenvolveu, continuando a implantar estratégias empresariais, expandiu seus negócios com a aquisição das Salinas em Areia Branca no Rio Grande do Norte. Em 1859, Walter Salomon adquiriu o controle acionário da sociedade, diversificando ainda mais o segmento da empresa, após o falecimento de Walter, em 1988, o seu filho assume e administra o empreendedorismo do pai.

Atualmente, o campo de atuação da empresa Wilson Sons é rebocagem, operação portuária, logística integrada, agenciamento marítimo, construção naval e *offshore* (embarcação que navega em mar aberto). A estrutura da Empresa Wilson Sons está assim definida:

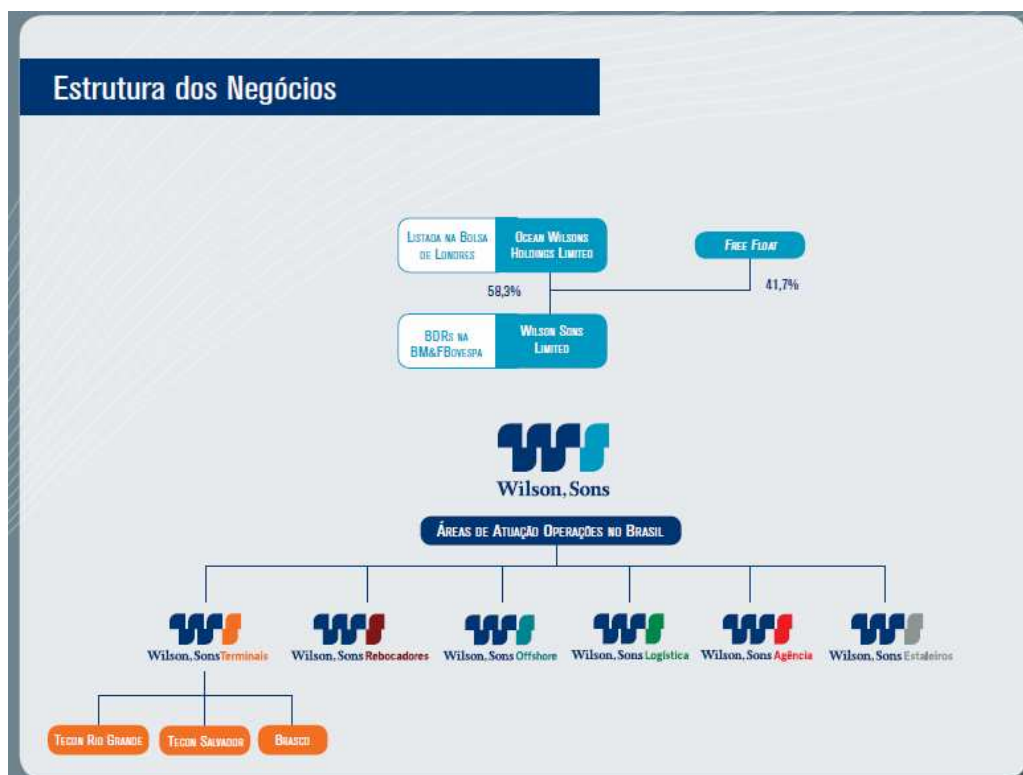


Figura 02: Estrutura dos negócios da empresa Wilson Sons.

Fonte: <http://www.wilsonsons.com.br>

Presente nos principais portos do Brasil, conta atualmente com mais de quatro mil funcionários. Suas diferentes áreas de negócio, que atuam de forma sinérgica, abrangem 16 filiais, 23 operações de logística, dois terminais de contêineres, localizados em Salvador, na Bahia, e Rio Grande, no Rio Grande do Sul, um estaleiro e instalações físicas distribuídas por diversas capitais brasileiras.

As áreas de negócios da Wilson Sons contam com uma sólida infra-estrutura distribuída em diversas localidades, resultando em ampla cobertura geográfica que lhe permite atender rotas marítimas ao longo de toda a costa brasileira. Esse foco no setor e, ao mesmo tempo, na diversificação das atividades, também resulta em uma estrutura eficiente e potencializa a capacidade da Companhia de identificar novas oportunidades de negócios relacionados.

Dentre as diversas áreas de atuação, podemos destacar o segmento de Terminais da Wilson Sons, a empresa presta serviços de carga e descarga de navios de longo curso e de cabotagem (Navegação mercante entre portos de um mesmo país), além de armazenagem de cargas de importação e exportação. Opera o Tecon Rio Grande e o Tecon Salvador, por meio da subsidiária Brasco, mantém

um terminal de apoio à indústria de óleo e gás, localizado em Niterói, no Rio de Janeiro.

Apesar do cenário de crise e de queda do volume de exportação que impactou negativamente os principais terminais portuários do País, o segmento de Terminais da Wilson Sons fechou 2009 com resultados positivos. Entre os terminais que fazem parte da Wilson Sons, destaca-se o Tecon Rio Grande, localizada a 420 quilômetros da cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, responsável por 99,4% da carga containerizada que passa pelo Porto de Rio Grande. A companhia opera este terminal desde 1997. Atualmente, as maiores embarcações que atracam no País fazem escala no Tecon Rio Grande, um dos poucos portos brasileiros que tem condições de atendê-los.

No segmento de terminais portuários de apoio logístico integrado à indústria de óleo e gás, a Wilson Sons Terminais conta com uma operação específica, a empresa subsidiária Brasco, com instalações na Ilha da Conceição em Niterói, no Rio de Janeiro. Criada em 1999, a subsidiária também possui bases de apoio localizadas no Rio de Janeiro, Belém, Salvador e São Luís, além de unidades em processo de desenvolvimento no Espírito Santo, no Norte Fluminense e em São Paulo. A empresa é referência em termos de segurança e meio ambiente, status que é um diferencial na indústria de petróleo. A base de Guaxindiba, localizada em São Gonçalo, também no Rio de Janeiro, foi transformada em área operacional, utilizando seus mais de 100 mil m² para manter estoque de peças para as plataformas.

A Tecon Salvador foi inaugurada no ano de 2000, está localizado em perímetro urbano, onde escalam navios que operam as principais rotas do comércio internacional, como Europa, Estados Unidos e Extremo Oriente. O foco da gestão em 2008 foi viabilizar o crescimento futuro da operação, dedicando-se no sentido de obter das instituições governamentais, as autorizações necessárias para a ampliação do terminal. Adicionalmente, foram feitos investimentos em novos equipamentos de pátio, a fim de aumentar a eficiência e produtividade.

4.2 ASPECTOS DO MERCADO DE CAPITALIS

As ações da empresa podem ser adquiridas no mercado de capitais, na BOVESPA, sob o código WSON11. A composição acionária da empresa, participação societária juntamente com a quantidade de ações lançadas ao mercado está demonstrada no Quadro 01:

Estrutura Acionária		
Acionistas	BDRs (Qtd.)	% Total
Ocean Wilsons Holdings Limited	41.444.000	58,25%
Outros (free float)	29.700.000	41,75%
Total de BDRs	71.144.000	100,00%

Quadro 01: Composição acionária da Wilson Sons.
Fonte: www.bmfbovespa.com.br

Podem-se verificar na Figura 03 as oscilações de seu valor de mercado referentes ao período de Maio de 2009 à Abril de 2010:



Figura 03: Gráfico de oscilação de valor de mercado anual da Wilson Sons.
Fonte: www.bmfbovespa.com.br

Conforme se pode observar na Figura 03, no período de Maio de 2009 a Abril de 2010, as ações da companhia se mostraram mais valorizadas no mercado em comparação com o índice da Bovespa.

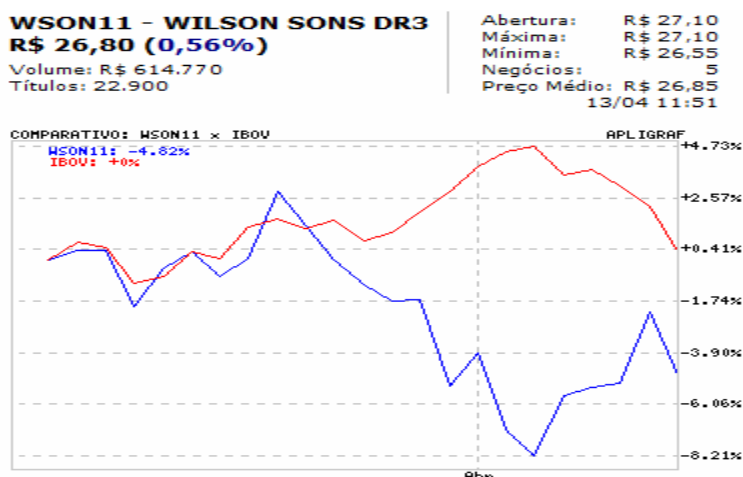


Figura 04 – Gráfico de oscilação de valor de mercado mensal da Wilson Sons.
 Fonte: www.bmfbovespa.com.br

Na Figura 04 é possível observar, para nível de conhecimento, que no mês de abril de 2010 a situação inverteu, o mercado está mais valorizado que as ações da empresa, concluindo com isto que o mercado não foi favorável aos investidores da Wilson Sons.

O Quadro 02 apresenta as oscilações mensais das ações da empresa em Maio de 2011:

ATIVOS	VALOR*	VARIAÇÃO	VOLUME
WSON11	R\$ 30,01	+1,45% ↑	R\$ 2.154.718
IBOV	64.274	-0,22% ↓	R\$ 1.332.327.217
IGCX	7.279	-0,21% ↓	R\$ 689.771.744
IBXX	21.140	-0,04% ↓	R\$ 1.443.075.521
DOLCOM	R\$ 0,00	0,00% ◇	-

09/05 12:25 * Delay 15 min. © Apligraf

Quadro 02 - Oscilações das ações da Wilson Sons
 Fonte: www.bmfbovespa.com.br

O Quadro 02 mostra que no dia 09 de maio de 2011, a empresa apresentava valorização de suas ações em relação ao mercado, ação da empresa crescia +1,45% enquanto o índice Bovespa caiu -0,22 %.

A seguir serão apresentadas as demonstrações contábeis da empresa Wilson Sons.

4.3 DEMONSTRAÇÕES ECONÔMICO-FINANCEIRAS AUDITADAS E PUBLICADAS

A Wilson, Sons, publicou em seu site <http://www.wilsonsons.com.br/>, no item, demonstrações financeiras, os fatos financeiros e contábeis dos períodos de 2010, 2009 e 2008, respectivamente, informações que servirão de base para as verificações deste estudo de caso. Alguns aspectos relevantes que a Wilson Sons divulgou: mostrou um crescimento estável da receita líquida em 2008, declive em 2009, teve também um crescimento aumentado de EBITDA nos anos verificados, e instabilidade de resultado líquido.

Conforme pode ser visto na Figura 05, a Receita Líquida da Empresa Wilson Sons, apresenta um crescimento estável no ano de 2007 para 2008 e um pequeno declive em 2009.



Figura 05: Receita Líquida da Wilson Sons.
Fonte: <http://www.wilsonsons.com.br>

Conforme se pode visualizar na Figura 06, o EBITDA da empresa Wilson Sons apresentou um crescimento prolongado nos anos analisados.

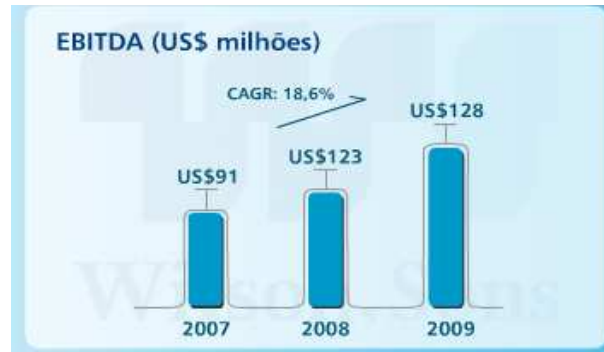


Figura 06: Gráfico do EBITDA da Wilson Sons.
 Fonte: <http://www.wilsonsons.com.br>

Verificando a Figura 07, pode-se concluir que o Lucro Líquido da empresa Wilson Sons mostrou instabilidade de resultado líquido, superando as expectativas em 2009 em relação ao ano de 2008.



Figura 07: Gráfico do Lucro Líquido da Wilson Sons.
 Fonte: <http://www.wilsonsons.com.br>

Observando o Balanço Patrimonial da empresa Wilson Sons, no Quadro 03, pode-se verificar que os ativos não circulantes da empresa não tiveram uma alteração significativa, mas houveram, sim, investimentos em imobilizado.

**BALANÇOS PATRIMONIAIS CONSOLIDADOS
PARA O EXERCÍCIO FINDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2010**

(Em milhares, exceto quando mencionado - valores em reais apurados através de conversão para conveniência)

				Conversão para conveniência	
	Nota	2010	2009	2010	2009
ATIVO		US\$	US\$	R\$	R\$
ATIVOS NÃO CIRCULANTES					
Ágio	9	15.612	15.612	26.013	27.184
Outros ativos intangíveis	10	16.841	2.239	28.060	3.899
Imobilizado	11	560.832	438.878	934.458	764.174
Impostos diferidos ativos	16	28.923	25.499	48.192	44.398
Contas a receber de clientes e outros recebíveis	13	6.400	-	10.665	-
Outros ativos não circulantes		6.552	10.521	10.918	18.319
Total dos ativos não circulantes		635.160	492.749	1.058.306	857.974
ATIVOS CIRCULANTES					
Estoques	12	20.147	20.687	33.569	36.021
Contas a receber de clientes e outros recebíveis	13	128.561	105.499	214.206	183.695
Investimentos de curto prazo	14	36.729	11.116	61.198	19.355
Caixa e equivalentes de caixa	14	118.172	178.136	196.898	310.170
Total dos ativos circulantes		303.609	315.438	505.871	549.241
TOTAL DO ATIVO		938.769	808.187	1.564.177	1.407.215
PATRIMÔNIO LÍQUIDO E PASSIVO					
CAPITAL E RESERVAS					
Capital social	21	9.905	9.905	16.504	17.247
Reservas de capital		91.484	146.334	152.431	254.797
Reservas de lucros		1.981	1.981	3.301	3.449
Contribuição excedente		27.449	-	45.737	-
Lucros acumulados		313.299	243.303	522.017	423.640
Ajuste de conversão		20.924	16.065	34.864	27.972
Patrimônio líquido atribuível aos acionistas da controladora		465.042	417.588	774.854	727.105
Participação de não controladores		-	5.891	-	10.257
Total do patrimônio líquido		465.042	423.479	774.854	737.362
PASSIVOS NÃO CIRCULANTES					
Financiamentos bancários	15	288.596	237.271	480.859	413.136
Impostos diferidos passivos	16	15.073	16.140	25.115	28.102
Provisões para contingências	17	12.289	9.831	20.476	17.118
Arrendamento mercantil financeiro	18	6.305	8.653	10.505	15.067
Total dos passivos não circulantes		322.263	271.895	536.955	473.423
PASSIVOS CIRCULANTES					
Fornecedores e outras contas a pagar	19	117.698	89.927	196.108	156.581
Imposto de renda e contribuição social a pagar		3.354	838	5.588	1.460
Arrendamento mercantil financeiro	18	4.847	3.902	8.076	6.793
Empréstimos e financiamentos	15	25.565	18.146	42.596	31.596
Total dos passivos circulantes		151.464	112.813	252.368	196.430
TOTAL DO PASSIVO		473.727	384.708	789.323	669.853
TOTAL DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO E PASSIVO		938.769	808.187	1.564.177	1.407.215

Taxas de câmbio:

31/12/10 – R\$1.6662/ US\$1.00

31/12/09 – R\$1.7412/ US\$1.00

Quadro 03: Balanço Patrimonial da Wilson Sons anos 2009 e 2010.

Fonte: <http://www.wilsonsons.com.br>

Já no Passivo observa-se que a empresa Wilson Sons buscou recursos quase que exclusivamente de terceiros através de financiamentos bancários, tanto em 2009 quanto em 2010.

Conforme o Quadro 04, que traz o Balanço Patrimonial da empresa Wilson Sons de 2007 e 2008, pode-se verificar que os ativos não circulantes da empresa tiveram uma alteração significativa, e isto se deu em função de investimentos em imobilizado, que do ano de 2007 para 2008 aumentaram em 21%.

BALANÇOS PATRIMONIAIS CONSOLIDADOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2008 E DE 2007				
	2008	2007	Conversão para conveniência	
	US\$000	US\$000	2008	2007
			R\$000	R\$000
ATIVOS NÃO CIRCULANTES				
Ágio	15.612	13.132	36.485	23.261
Intangíveis	1.799	2.041	4.204	3.615
Imobilizado	305.022	252.105	712.836	446.554
Impostos diferidos ativos	10.889	12.713	25.448	22.519
Investimentos disponíveis para venda	-	6.466	-	11.453
Outros ativos não circulantes	8.066	11.123	18.852	19.701
Total dos ativos não circulantes	<u>341.388</u>	<u>297.580</u>	<u>797.825</u>	<u>527.103</u>
ATIVOS CIRCULANTES				
Estoques	9.402	7.379	21.972	13.070
Contas a receber de clientes e outros recebíveis	78.751	72.755	184.041	128.871
Caixa e equivalentes de caixa	180.022	197.688	420.711	350.165
Total dos ativos circulantes	<u>268.175</u>	<u>277.822</u>	<u>626.724</u>	<u>492.106</u>
TOTAL DOS ATIVOS	<u>609.563</u>	<u>575.402</u>	<u>1.424.549</u>	<u>1.019.209</u>
PATRIMÔNIO LÍQUIDO E PASSIVOS				
CAPITAL E RESERVAS				
Capital social	9.905	9.905	23.148	17.545
Reservas de capital	146.334	146.334	341.983	259.201
Reservas de Lucro	1.981	-	4.630	-
Lucro não realizado de investimento	-	2.341	-	4.147
Lucros acumulados	170.779	141.912	399.111	251.368
Ajuste de conversão	1.773	15.807	4.144	27.999
Patrimônio líquido atribuível aos acionistas da controladora	330.772	316.299	773.016	560.260
Participação de minoritários	1.411	5.254	3.298	9.306
Total do patrimônio líquido	<u>332.183</u>	<u>321.553</u>	<u>776.314</u>	<u>569.566</u>
PASSIVOS NÃO CIRCULANTES				
Financiamentos bancários	167.440	134.744	391.307	238.672
Impostos diferidos passivos	15.632	10.807	36.532	19.142
Provisões para contingências	8.455	12.484	19.759	22.113
Arrendamento mercantil financeiro	3.139	1.441	7.336	2.552
Total dos passivos não circulantes	<u>194.666</u>	<u>159.476</u>	<u>454.934</u>	<u>282.479</u>
PASSIVOS CIRCULANTES				
Fornecedores e outras contas a pagar	62.722	78.042	146.579	138.236
Imposto de renda e contribuição social a pagar	1.099	742	2.568	1.315
Arrendamento mercantil financeiro	1.116	869	2.609	1.539
Empréstimos e financiamentos	17.777	14.720	41.545	26.074
Total dos passivos circulantes	<u>82.714</u>	<u>94.373</u>	<u>193.301</u>	<u>167.164</u>
TOTAL DOS PASSIVOS	<u>277.380</u>	<u>253.849</u>	<u>648.235</u>	<u>449.643</u>
TOTAL DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO E PASSIVOS	<u>609.563</u>	<u>575.402</u>	<u>1.424.549</u>	<u>1.019.209</u>
Taxas de câmbio:				
2008 - R\$2,3370/ US\$1,00				
2007 - R\$1,7713/ US\$1,00				

Quadro 04: Balanço Patrimonial da Wilson Sons anos 2007 e 2008.

Fonte: <http://www.wilsonsons.com.br>

Já no Passivo observa-se que a empresa Wilson Sons buscou recursos de terceiros para Investimentos. Ocorreu também um aumento do Patrimônio Líquido, basicamente em função da incorporação dos lucros acumulados.

4.4 ANÁLISE HORIZONTAL E VERTICAL

Verificadas e analisadas as informações divulgadas acima, calcula-se as análises verticais, análises horizontais, bem como, as variações entre os anos 2010, 2009 e 2008, estes cálculos, servirão de base inicial para o diagnóstico a ser verificado. Após os cálculos, chega-se aos seguintes resultados:

ATIVO E PASSIVO

Balanço patrimonial em milhares de US\$											
	Realizado 2010	AV 2009	AH 2009	Variação	Realizado 2009	AV 2009	AH 2009	Variação	Realizado 2008	AV 2008	AH 2009
Ativos											
Circulante	303.609	32,34%	13,21%	(11.829)	315.438	39,03%	17,62%	(268.175)	268.175	43,99%	100,00%
Estoque	20.147	2,15%	114,28%	(540)	20.687	2,56%	120,03%	(9.402)	9.402	1,54%	100,00%
Contas a receber de clientes	128.561	13,69%	63,25%	23.062	105.499	13,05%	33,97%	(78.751)	78.751	12,92%	100,00%
Investimentos de curto prazo	36.729	3,91%	100,00%	25.613	11.116	1,38%	100,00%	-	-	0,00%	100,00%
Caixa e equivalentes de caixa	118.172	12,53%	-34,36%	(59.964)	178.136	22,04%	-1,05%	(180.022)	180.022	29,53%	100,00%
Ativos não circulantes											
Realizável a longo prazo	635.160	67,66%	86,05%	142.411	492.749	60,97%	44,34%	(341.388)	341.388	56,01%	100,00%
Ágio	15.612	1,66%	0,00%	-	15.612	1,93%	0,00%	(15.612)	15.612	2,56%	100,00%
Doutros ativos intangíveis	16.841	1,79%	836,13%	14.602	2.239	0,28%	24,46%	(1.799)	1.799	0,30%	100,00%
Imobilizado	560.832	59,74%	83,87%	121.954	438.878	54,30%	43,88%	(305.022)	305.022	50,04%	100,00%
Impostos diferidos ativos	28.923	3,08%	165,62%	3.424	25.499	3,16%	134,17%	(10.889)	10.889	1,79%	100,00%
Contas a receber de clientes e outros recebíveis	6.400	0,68%	100,00%	6.400	-	0,00%	0,00%	-	-	0,00%	100,00%
Doutros ativos recebíveis	6.552	0,70%	-18,77%	(3.969)	10.521	1,30%	30,44%	(8.066)	8.066	1,32%	100,00%
Total do Ativo	938.769	100,00%	54,01%	130.582	808.187	100,00%	32,58%	(609.563)	609.563	100,00%	100,00%

Balanço patrimonial em milhares de US\$											
	Realizado 2010	AV 2009	AH 2009	Variação	Realizado 2009	AV 2009	AH 2009	Variação	Realizado 2008	AV 2008	AH 2009
Passivo											
Circulante	151.464	16,13%	83,12%	38.651	112.813	13,96%	36,39%	(82.714)	82.714	13,57%	100,00%
Fornecedores e outras contas a pagar	117.698	12,54%	87,65%	27.771	89.927	11,13%	43,37%	(62.722)	62.722	10,23%	100,00%
Imposto de renda e contribuição social a pagar	3.354	0,36%	205,19%	2.516	838	0,10%	-23,75%	(1.099)	1.099	0,18%	100,00%
Arrendamento mercantil financeiro	4.847	0,52%	334,32%	945	3.902	0,48%	249,64%	(1.116)	1.116	0,18%	100,00%
Empréstimos e financiamentos	25.565	2,72%	43,81%	7.419	18.146	2,25%	2,08%	(17.777)	17.777	2,92%	100,00%
Passivo não circulante	322.263	34,33%	65,55%	50.368	271.895	33,64%	39,67%	(194.666)	194.666	31,94%	100,00%
Financiamentos bancários	288.596	30,74%	72,36%	51.325	237.271	29,36%	41,71%	(167.440)	167.440	27,47%	100,00%
Impostos diferidos passivos	15.073	1,61%	-3,58%	(1.067)	16.140	2,00%	3,25%	(15.632)	15.632	2,56%	100,00%
Provisões para contingências	12.289	1,31%	45,35%	2.458	9.831	1,22%	16,27%	(8.455)	8.455	1,39%	100,00%
Arrendamento mercantil financeiro	6.305	0,67%	100,06%	(2.348)	8.653	1,07%	175,66%	(3.139)	3.139	0,51%	100,00%
Capital e reservas											
Exigível a Longo Prazo	465.042	49,54%	40,00%	41.563	423.479	52,40%	27,48%	(332.183)	332.183	54,50%	100,00%
Capital social	9.905	1,06%	0,00%	-	9.905	1,23%	0,00%	(9.905)	9.905	1,62%	100,00%
Reservas de capital	91.484	9,75%	-37,48%	(54.850)	146.334	18,11%	0,00%	(146.334)	146.334	24,01%	100,00%
Reservas de lucro	1.981	0,21%	0,00%	-	1.981	0,25%	0,00%	(1.981)	1.981	0,32%	100,00%
Contribuição excedente	27.449	2,92%	100,00%	27.449	-	0,00%	0,00%	-	-	0,00%	100,00%
Lucros acumulados	313.299	33,37%	83,45%	69.996	243.303	30,10%	42,47%	(170.779)	170.779	28,02%	100,00%
Ajuste de conversão	20.924	2,23%	1080,15%	4.853	16.065	1,99%	806,09%	(1.773)	1.773	0,29%	100,00%
Participação de não controladores	-	0,00%	-100,00%	(5.891)	5.891	0,73%	317,51%	(1.411)	1.411	0,23%	100,00%
Total do Passivo	938.769	100,00%	54,01%	130.582	808.187	100,00%	32,58%	(609.563)	609.563	100,00%	100,00%

Quadro 05: Análise Vertical e Horizontal do Balanço Patrimonial da Wilson Sons.

Fonte: O autor

O Ativo Total da empresa Wilson Sons cresceu 54,01% nos anos de 2008 a 2010. Esse crescimento deveu-se, principalmente, ao Ativo Não Circulante que teve expansão de 86,05% destacando a conta de Imobilizado que em 2008 apresentava um percentual de 50,04% e em 2010 passou a apresentar 59,74%. Já o Ativo Circulante apresentou crescimento de apenas 13,21%, destaca-se neste grupo a conta de Investimentos de Curto Prazo que apresenta um crescimento significativo em relação a 2009, neste ano os Investimentos de Curto Prazo eram de 11.116 passando a 36.729 em 2010. Em 2008, 44% dos recursos achavam-se investidos no Ativo Circulante, percentual esse que caiu para 32,34% em 2010 em função da conta Caixa e equivalentes de caixa que no ano de 2008 era de 180.022, passando a 118.172 em 2010.

O Passivo da Empresa Wilson Sons apresentou um crescimento que foi financiado, basicamente, por capitais de terceiros de longo prazo que passaram, em 2008, de 31,94% do Passivo Total para 34,33% em 2010, constituindo-se no principal grupo de Financiamento neste último ano, em 2008 os financiamentos bancários estavam em 167.440 passando a 288.596 em 2010. O Patrimônio Líquido, que fornecia 54,50% dos recursos em 2008, caiu para 49,54% em 2010 em função da conta de Reservas de Capital que no ano de 2008 estava em 146.334 e no ano de 2010 passou a 91.484. O Passivo Circulante aumentou nesse mesmo período de 13,57% para 16,13%, este aumento aconteceu basicamente em função da conta de Fornecedores e outras contas a pagar em 2008 estava em 62.722, representava 10,29% do Passivo, em 2010 passou a 117.698 e seu percentual aumentou para 12,54%.

Em resumo, a empresa investiu no Ativo Não Circulante (Imobilizado), fez ainda alguns investimentos no Ativo Circulante (Investimento de Curto Prazo), financiou a maior parte dessa expansão com Capitais de Terceiros e aumentou o risco global. A situação financeira não ficou sacrificada em virtude de a empresa ter-se valido de Exigíveis a Longo Prazo.

DEMONSTRAÇÕES CONSOLIDADAS DO RESULTADO PARA O EXERCÍCIO FINDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2010 (Em milhares, exceto quando mencionado - valores em reais apurados através de conversão para conveniência)					
	Notas	2010 US\$	2009 US\$	Conversão para conveniência	
				2010 R\$	2009 R\$
RECEITAS LÍQUIDAS	4	575.551	477.888	958.982	832.098
Custos de insumos e matérias-primas		(67.222)	(49.570)	(112.005)	(86.311)
Despesas de pessoal	5	(198.736)	(149.086)	(331.134)	(259.588)
Depreciação e amortização		(42.921)	(32.065)	(71.515)	(55.832)
Outras despesas operacionais	6	(188.276)	(151.337)	(313.705)	(263.508)
Resultado na venda de ativo imobilizado		90	470	150	818
Receitas financeiras	7	13.940	34.343	23.227	59.798
Despesas financeiras	7	(11.814)	(9.555)	(19.684)	(16.637)
Ganho de capital na transação da joint venture	23	20.407	-	34.002	-
LUCRO ANTES DOS IMPOSTOS		101.019	121.088	168.318	210.838
Imposto de renda e contribuição social	8	(30.514)	(31.104)	(50.843)	(54.158)
LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO		70.505	89.984	117.475	156.680
Atribuível a:					
Proprietários da companhia		69.996	88.531	116.627	154.149
Participação de não controladores		509	1.453	848	2.531
		70.505	89.984	117.475	156.680
OUTROS RESULTADOS ABRANGENTES					
Diferença de câmbio		4.607	15.538	7.676	27.053
RESULTADO ABRANGENTE TOTAL DO EXERCÍCIO		75.112	105.522	125.151	183.733
Total resultados abrangentes do ano atribuíveis à:					
Acionistas da controladora		74.855	102.823	124.723	179.034
Participação de não controladores		257	2.699	428	4.699
		75.112	105.522	125.151	183.733
Lucro por ação (Em centavos)	21	98,39c	124,44c	163,93c	216,67c
Taxas de câmbio:					
31/12/10 – R\$1.6662/ US\$1.00					
31/12/09 – R\$1.7412/ US\$1.00					

Quadro 06: DRE da Wilson Sons anos 2009 e 2010.

Fonte: <http://www.wilsonsons.com.br>

Conforme pode-se observar no DRE da empresa Wilson Sons, no Quadro 06, do ano de 2010, este não apresenta nenhuma variação significativa em relação ao ano de 2009. As despesas, por exemplo, estão proporcionais ao acréscimo das receitas.

DEMONSTRAÇÕES CONSOLIDADAS DO RESULTADO PARA OS EXERCÍCIOS FINDOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2008 E DE 2007				
	2008	2007	Conversão para conveniência	
	US\$000	US\$000	2008	2007
			R\$000	R\$000
RECEITAS LÍQUIDAS	498.285	404.046	1.164.492	715.687
Custos de insumos e matérias-primas	(86.480)	(40.464)	(202.104)	(71.674)
Despesas de pessoal	(136.316)	(116.180)	(318.570)	(205.790)
Depreciação e amortização	(26.256)	(19.066)	(61.360)	(33.772)
Outras despesas operacionais	(153.480)	(160.866)	(358.683)	(284.942)
Resultado na venda de ativo imobilizado	680	4.819	1.589	8.536
LUCRO OPERACIONAL	96.433	72.289	225.364	128.045
Resultado na alienação de investimentos	4.191	-	9.794	-
Receitas financeiras	(822)	19.238	(1.921)	34.076
Despesas financeiras	(14.210)	(7.565)	(33.209)	(13.400)
LUCRO ANTES DOS IMPOSTOS	85.592	83.962	200.028	148.721
Imposto de renda e contribuição social	(38.695)	(26.165)	(90.430)	(46.346)
LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	46.897	57.797	109.598	102.375
Atribuível a:				
Acionistas da controladora	46.855	56.151	109.500	99.460
Participação de minoritários	42	1.646	98	2.916
	46.897	57.797	109.598	102.376

Quadro 07: DRE da Wilson Sons anos 2007 e 2008.

Fonte: <http://www.wilsonsons.com.br>

No DRE do Exercício de 31 de Dezembro de 2008 e de 2007, pode-se verificar que, embora tenha havido um acréscimo nas receitas líquidas, o custo de aquisição de matéria prima e insumos também foi elevado, fazendo com que o resultado permanecesse inalterado. Outro detalhe que pode-se observar no Quadro 07 é que as Receitas tiveram um aumento de aproximadamente 70% e o Custo de insumos e matéria-prima triplicaram.

Resultado do Exercício em milhares de US\$											
	Realizado 2010	AV 2010	AH 2010	Variação	Realizado 2009	AV 2009	AH 2010	Variação	Realizado 2008	AV 2008	AH 2008
Receita Líquida	575.551	100,00%	15,51%	97.663	477.888	100,00%	-4,09%	(20.397)	498.285	100,00%	100,00%
Custos de insumos e matérias-primas	(67.222)	-11,68%	-22,27%	(17.652)	(49.570)	-10,37%	-42,68%	36.910	(86.480)	-17,36%	100,00%
Despesas com pessoal	(198.736)	-34,53%	45,79%	(49.650)	(149.086)	-31,20%	9,37%	(12.770)	(136.316)	-27,36%	100,00%
Depreciação e amortização	(42.921)	-7,46%	63,47%	(10.856)	(32.065)	-6,71%	22,12%	(5.809)	(26.256)	-5,27%	100,00%
Outras despesas operacionais	(188.276)	-32,71%	22,67%	(36.939)	(151.337)	-31,67%	-1,40%	2.143	(153.480)	-30,80%	100,00%
Resultado de venda de ativo imobilizado	90	0,02%	-86,76%	(380)	470	0,10%	-30,88%	(210)	680	0,14%	100,00%
Lucro Operacional	78.486	13,64%	-18,61%	(17.814)	96.300	20,15%	-0,14%	(133)	96.433	19,35%	100,00%
Resultado na alienação de investimentos	20.407	3,55%	386,92%	20.407	-	0,00%	-100,00%	(4.191)	4.191	0,84%	100,00%
Receitas financeiras	13.940	2,42%	-1795,86%	(20.403)	34.343	7,19%	-4277,98%	35.165	(822)	-0,16%	100,00%
Despesas financeiras	(11.814)	-2,05%	-16,86%	(2.259)	(9.555)	-2,00%	-32,76%	4.655	(14.210)	-2,85%	100,00%
Lucro antes dos impostos	101.019	17,55%	18,02%	(20.069)	121.088	25,34%	41,47%	35.496	85.592	17,18%	100,00%
Imposto de renda e contribuição social	(30.514)	-5,30%	-21,14%	590	(31.104)	-6,51%	-19,62%	7.591	(38.695)	-7,77%	100,00%
Lucro Líquido do exercício	70.505	12,25%	50,34%	(19.479)	89.984	18,83%	91,88%	43.087	46.897	9,41%	100,00%
Atribuível a:											
Acionista da controladora	69.996	12,16%	49,39%	(18.535)	88.531	18,53%	88,95%	41.676	46.855	9,40%	100,00%
Participação de minoritários	509	0,09%	1111,90%	(944)	1.453	0,30%	3359,52%	1.411	42	0,01%	100,00%
	70.505	12,25%	50,34%	(19.479)	89.984	18,83%	91,88%	43.087	46.897	9,41%	100,00%

Quadro 08: Análise Horizontal e Vertical do DRE da Wilson Sons.

Fonte: O autor

Enquanto os investimentos tiveram grande impulso no período analisado, a Receita Líquida apresentaram pequena expansão, o crescimento real foi de 15,51% no período enquanto que o resultado operacional está na faixa de 13,64% representando uma menor eficiência no desempenho operacional. A Receita Líquida da Empresa Wilson Sons em 2008 era de 498.285, passando a 575.551 em 2010. Dentro do grupo podemos destacar as despesas com pessoal que no ano de 2008 era de 136.316, passando a 198.736 no ano de 2010. Constatou-se também que no ano de 2008 a empresa Wilson Sons obteve 9,41% de Lucro Líquido, este percentual aumentou significativamente em 2009, passando a 18,83% de Lucro Líquido do Exercício, em 2010 o percentual cai para 12,25%, isso se deve as Receitas Financeiras que no ano de 2009 apresenta um valor de 34.343 enquanto que as Despesas Financeiras decaíram para 9.555 comparado a 2008, onde as Despesas apresentavam valor de 14.210. O ano de 2009 foi o mais lucrativo para a Wilson Sons pois a Receita Líquida foi a menor, porém foi o ano mais lucrativo.

4.5 INDICADORES DE LIQUIDEZ

Esses índices são medidas de avaliação da capacidade financeira da empresa em satisfazer os compromissos para com terceiros. Evidenciam quanto à empresa dispõe de bens e direitos em relação às obrigações assumidas no mesmo período. A relação se dá entre os realizáveis e os exigíveis, sempre que a empresa se capitalizar, via lucros ou entrada de novos recursos dos sócios ou acionistas a capacidade de pagamento será melhor, ou seja, quanto maior a liquidez, melhor será a situação financeira da empresa.

4.5.1 Liquidez Corrente

Este é um dos índices mais conhecidos e utilizados pelos gestores. Descreve quanto à empresa tem disponível em recursos de curto prazo para liquidar suas dívidas de curto prazo. Apurados os cálculos da Wilson Sons, chega-se aos seguintes índices:

2010

$$LC = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}} = \frac{303.609}{151.464} = 2,0045$$

2009

$$LC = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}} = \frac{315.438}{112.813} = 2,7961$$

2008

$$LC = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}} = \frac{268.175}{82.714} = 3,2422$$

A empresa Wilson Sons apresenta um índice de liquidez corrente de R\$ 3,24 no ano de 2008, ou seja, em 2008 a cada R\$ 1,00 de obrigações a curto prazo, a empresa possui R\$ 3,24 de recursos de capital próprio. Em 2009 a empresa possuía R\$ 2,79 de recursos de capital próprio para cada R\$ 1,00 de obrigações a curto prazo. Já em 2010 possuía R\$ 2,00 de recursos do ativo circulante (bens e direitos de curto prazo) para cada R\$ 1,00 de obrigações. Conforme podemos observar nos resultados obtidos, do ano de 2008 para 2010 houve uma queda no índice de

liquidez corrente. Apesar do decréscimo, observamos que a empresa possui uma boa capacidade de pagamento a curto prazo. Segundo Helfert (2000), um índice médio de R\$ 2,00 é razoável para a maioria das empresas, essa proporção permite uma redução de até 50% no valor dos ativos circulantes, fornece ainda razoável segurança para cobrir todas as obrigações. É possível que este decréscimo tenha sido decorrente da gestão administrativa da sociedade, que optou em contratar financiamentos de curto prazo e aumentar consideravelmente a conta de fornecedores.

4.5.2 Liquidez Seca

O Índice de Liquidez Seca descreve quanto à empresa tem disponível em recursos de curto prazo para liquidar suas dívidas de curto prazo sem considerar os estoques. Apurados os cálculos da Wilson Sons, chega-se aos seguintes resultados:

2010

$$LS = \frac{(\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques})}{\text{Passivo Circulante}} = \frac{283.462}{151.464} = \mathbf{1,8715}$$

2009

$$LS = \frac{(\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques})}{\text{Passivo Circulante}} = \frac{294.751}{112.813} = \mathbf{2,6127}$$

2008

$$LS = \frac{(\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques})}{\text{Passivo Circulante}} = \frac{258.773}{82.714} = \mathbf{3,1285}$$

Para Helfert (2000) a liquidez seca possibilita testar a capacidade de pagar os passivos circulantes no caso de uma crise real, na suposição de que os estoques não teriam nenhum valor. A empresa Wilson Sons apresenta, no ano de 2008, um índice de liquidez seca de R\$ 3,13, ou seja, para cada R\$ 1,00 de dívida a curto prazo, a empresa dispõe de R\$ 3,13 de recursos a curto prazo. Já no ano de 2010 a empresa apresentou uma queda de 60%, ou seja, de R\$ 1,88 de recursos a curto prazo sem considerar os estoques. Mesmo apresentando esta queda durante os anos podemos concluir que a empresa Wilson Sons não depende dos estoques para saldar suas obrigações. Praticamente os estoques da companhia tiveram pouca

interferência na relevância das variações deste indicador, no ano de 2009 foi onde houve um acréscimo maior, por isto a variação de 2008 se apresenta um pouco mais relevante.

4.5.3 Liquidez Geral

O índice de liquidez geral tem por objetivo demonstrar a capacidade da empresa em liquidar suas dívidas de curto prazo e de longo prazo. Apurados os cálculos chega-se aos seguintes resultados:

2010

$$LG = \frac{(\text{Ativo Circulante} + \text{Ativo R.L.P})}{(\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo E.L.P})} = \frac{345.484}{473.727} = 0,7293$$

2009

$$LG = \frac{(\text{Ativo Circulante} + \text{Ativo R.L.P})}{(\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo E.L.P})} = \frac{351.458}{384.708} = 0,9136$$

2008

$$LG = \frac{(\text{Ativo Circulante} + \text{Ativo R.L.P})}{(\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo E.L.P})} = \frac{287.130}{277.380} = 1,0352$$

O índice de Liquidez Geral da Empresa Wilson Sons no ano de 2008 é de R\$ 1,03 de recursos a curto e longo prazo para cada R\$ 1,00 de obrigações a curto e longo prazo. No ano de 2010 houve uma queda de 70% passando a R\$ 0,73 de recursos em relação a obrigações a curto e longo prazo. Este indicador reflete a real situação que a empresa se encontra em relação às origens e aplicações de recursos, pode-se descrever que a empresa esta buscando recursos de terceiros para suprir suas necessidades de caixa e investir em imobilizado, os financiamentos estão afetando o indicador de liquidez geral, o resultado mostra que os ativos que a empresa possui, somado com o imobilizado, não são suficientes para pagar o investimento realizado, a empresa vista desta forma, passa por uma situação instável pelos olhos dos investidores. Segunda Assaf Neto (2010), este índice deve ser superior a R\$ 1,00, e as razões das variações que ele possa apresentar em diferentes períodos devem ser analisadas em cada um dos elementos que o compõem.

4.6 INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

4.6.1 Endividamento Geral

Utilizando o índice de endividamento geral, pode-se medir a porcentagem dos recursos totais da empresa que se encontra financiada por capital de terceiros, após ser calculado chega-se nos seguintes resultados:

2010

$$EG = \frac{\text{Passivo Circulante} + \text{PELP}}{\text{Passivo Total}} = \frac{473.727}{938.769} = 0,5046$$

2009

$$EG = \frac{\text{Passivo Circulante} + \text{PELP}}{\text{Passivo Total}} = \frac{384.708}{808.187} = 0,4760$$

2008

$$EG = \frac{\text{Passivo Circulante} + \text{PELP}}{\text{Passivo Total}} = \frac{277.380}{609.563} = 0,4550$$

Conforme se pode observar nos resultados obtidos, no ano de 2008, 45% das origens eram através de capital de terceiros, seja a curto ou a longo prazo. Já no ano de 2009 houve um pequeno aumento deste percentual em 2%, passando a 47% de origens. No ano de 2010 a empresa Wilson Sons apresenta um percentual de 50% que representa o total de recursos de terceiros investidos no ativo. Destaca-se negativamente o ano de 2010, pois os capitais de terceiros são superiores aos capitais próprios da companhia, este índice apresenta este aumento em função dos financiamentos. Iudícibus (2009) explica que este índice revela o grau de endividamento total da empresa, demonstrando os recursos de terceiros que estão financiando os ativos. Quanto menor for a porcentagem de endividamento, menor será o risco que a empresa oferece aos financiadores.

4.6.2 Composição da Dívida (Endividamento Relativo no Curto Prazo)

Este indicador reflete a proporção das dívidas de curto prazo, em relação às dívidas totais da empresa Wilson Sons, os resultados são:

2010

$$CD = \frac{\text{Passivo Circulante}}{\text{Passivo Circulante} + \text{PELP}} = \frac{151.464}{473.727} = 0,3197$$

2009

$$CD = \frac{\text{Passivo Circulante}}{\text{Passivo Circulante} + \text{PELP}} = \frac{112.813}{384.708} = 0,2932$$

2008

$$CD = \frac{\text{Passivo Circulante}}{\text{Passivo Circulante} + \text{PELP}} = \frac{82.714}{277.380} = 0,2982$$

A empresa Wilson Sons apresenta nos anos de 2008 e 2009 uma composição de endividamento igual a 29%, ou seja, 29% do endividamento da empresa concentram-se no curto prazo. Já no ano de 2010 houve uma alteração e este percentual passou para 32% de capital a curto prazo em relação a obrigações. A empresa mantém sua política de gestão de capitais de terceiros em curto prazo, porem, apresenta uma significativa variação aumentando em 43,81% seus financiamentos de curto prazo, apesar deste aumento os resultado obtidos não são significantes pois a empresa não concentra seus investimentos no curto prazo, conseqüentemente o grau de endividamento é pequeno. Ludícibus (2009) coloca que este indicador reflete a proporção das dívidas de curto prazo, em relação às dívidas totais. As empresas com indicadores de endividamento alto no curto prazo oferecem maiores riscos.

4.6.3 Grau de Imobilização do Capital Próprio

O índice descreve em quanto o Ativo Permanente é financiado pelo capital próprio da empresa, mostrando o grau de dependência de recursos de terceiros, depois de calculado, chega-se nos seguintes resultados:

2010

$$\text{GICP} = \frac{\text{Ativo Permanente}}{\text{Patrimônio Líquido}} = \frac{593.285}{465.042} = 1,2758$$

2009

$$\text{GICP} = \frac{\text{Ativo Permanente}}{\text{Patrimônio Líquido}} = \frac{456.729}{423.479} = 1,0785$$

2008

$$\text{GICP} = \frac{\text{Ativo Permanente}}{\text{Patrimônio Líquido}} = \frac{322.433}{332.183} = 0,9706$$

Segundo Assaf Neto (2010), o indicador de grau de imobilização do capital próprio descreve em quanto o Ativo Permanente é financiado pelo capital próprio da empresa, mostrando o grau de dependência de recursos de terceiros para o processo produtivo da sociedade. Durante os anos de 2008 e 2009, a empresa Wilson Sons apresenta uma imobilização do capital próprio de 97% e 107% respectivamente, já no ano de 2010 este índice passa para 127%, isso indica que a empresa está imobilizando 127% de seu patrimônio líquido. Em 2009 a empresa não necessita de recursos de terceiros para a manutenção e continuidade dos seus negócios, porém, nos anos seguintes o capital próprio da empresa não é mais suficiente, necessitando de captação de recursos de terceiros. No ano de 2010 a empresa está imobilizando 100% do seu PL, porém, 27,58% dos investimentos são financiados com capital de terceiros.

4.7 INDICADORES DE RENTABILIDADE E LUCRATIVIDADE

4.7.1 Margem Bruta

A margem de lucro bruto mede a porcentagem de cada unidade monetária de vendas que resta após o pagamento do custo dos produtos vendidos, chega-se aos seguintes resultados:

2010

$$MB = \frac{\text{Lucro Bruto}}{\text{Receita Operacional Líquida}} = \frac{508.329}{575.551} \quad \mathbf{0,8832}$$

2009

$$MB = \frac{\text{Lucro Bruto}}{\text{Receita Operacional Líquida}} = \frac{428.318}{477.888} \quad \mathbf{0,8963}$$

2008

$$MB = \frac{\text{Lucro Bruto}}{\text{Receita Operacional Líquida}} = \frac{411.805}{498.285} \quad \mathbf{0,8264}$$

A empresa Wilson Sons não mostrou variação significativa do ano de 2008 a 2010 na sua margem bruta, o valor percentual ficou em média em 86%, isso quer dizer que a empresa obteve 86% de retorno sobre os serviços prestados. A margem bruta não sofreu considerável variação devido ao seu ramo de atividade, ou seja, não existe um CPV, seu foco é serviços, portanto, a margem bruta é muito satisfatória.

4.7.2 Margem Operacional

A margem de lucro operacional mede a proporção de cada unidade monetária de receita de venda que permanece após a dedução de todos os custos e despesas, depois de calculados, os resultados são:

2010

$$MO = \frac{\text{Lucro Operacional}}{\text{Receita Operacional Líquida}} = \frac{78.486}{575.551} \quad \mathbf{0,1364}$$

2009

$$MO = \frac{\text{Lucro Operacional}}{\text{Receita Operacional Líquida}} = \frac{96.300}{477.888} \quad \mathbf{0,2015}$$

2008

$$MO = \frac{\text{Lucro Operacional}}{\text{Receita Operacional Líquida}} = \frac{96.433}{498.285} \quad \mathbf{0,1935}$$

Conforme podemos observar nos resultados obtidos, a empresa Wilson Sons, nos anos de 2008 a 2010, apresenta resultados de 19%, 20% e 13% respectivamente, isso indica que a empresa obteve no ultimo ano analisado, 13% de lucro operacional sobre seu faturamento. Este decréscimo de 2010 em relação aos demais anos reflete a política que a empresa utilizou em relação aos gastos com o negócio, com os serviços prestados, praticamente todas as movimentações sofreram alterações relevantes, porem, a soma das despesas fixas permanecem inalteradas.

4.7.3 Margem Líquida

A margem de lucro líquido mede a porcentagem de cada unidade monetária de vendas que resta após a dedução de todos os custos e despesas, incluindo juros e impostos, os resultados são:

2010

$$ML = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Receita Operacional Líquida}} = \frac{70.505}{575.551} \quad \mathbf{0,1225}$$

2009

$$ML = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Receita Operacional Líquida}} = \frac{89.984}{477.888} \quad \mathbf{0,1883}$$

2008

$$ML = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Receita Operacional Líquida}} = \frac{46.897}{498.285} \quad \mathbf{0,0941}$$

Observando os resultados obtidos, conclui-se que no ano de 2008 a empresa Wilson Sons apresentava uma Margem Líquida de 9,41%, porém as despesas financeiras apresentam um valor de 14.210, interferindo no negócio. No ano de 2009 esse percentual passou a 18,83%, este percentual foi o melhor entre os três anos, finalmente em 2010 a Margem Líquida da empresa é de 12,25%, ou seja, um retorno sobre o faturamento equivalente a 12,25%. Em 2009 a empresa obteve um retorno de 18,83%, acréscimo relevante em relação ao ano anterior, isto deve-se exclusivamente ao resultado financeiro, que chegou a alavancar o resultado em 24.788. Em 2010, o retorno foi de 12,25%, o resultado financeiro não influenciou

muito, a alta nos custos dos serviços juntamente com as receitas na alienação de investimentos foram os grandes responsáveis por este retorno.

4.7.4 Retorno do Ativo (ROA)

O índice de retorno do ativo indica a lucratividade que a empresa gera em relação aos investimentos, depois de calculados os resultados são:

2010

$$\text{Roi} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}} = \frac{70.505}{938.769} \quad \mathbf{7,5104}$$

2009

$$\text{Roi} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}} = \frac{89.984}{808.187} \quad \mathbf{11,1341}$$

2008

$$\text{Roi} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}} = \frac{46.897}{609.563} \quad \mathbf{7,6935}$$

A empresa Wilson Sons apresentou, no ano de 2008, uma rentabilidade de investimentos de 7,70%, ou seja, o lucro líquido do exercício representa 7,70% do total investido na empresa, no ano de 2009 esse percentual passou a 11,13% , este percentual aumentou pois em 2009 a empresa apresenta maior lucro líquido, em 2010 houve um decréscimo e passou a ser de 7,51%. Conclui-se que a empresa consegue recuperar os investimentos totais efetuados no ativo em aproximadamente 13,31 anos ($100\% / 7,51\%$), considerando apenas o resultado gerado em suas operações. Segundo Helfert (2000), este indicador reflete qual o retorno que a empresa e os investidores tiveram em relação às aplicações de recursos em ativos, o retorno sobre os ativos crescerá se menos ativos forem empregados e se todas as medidas de gestão eficiente do capital de giro forem aplicadas.

4.7.5 Retorno do Capital Próprio (ROE)

O índice de retorno do capital próprio indica quanto de prêmio que os acionistas ou proprietários da empresa estão obtendo em relação a seus investimentos no empreendimento, os resultados do cálculo são:

2010

$$\text{Roe} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}} = \frac{70.505}{465.042} \quad \mathbf{15,1610}$$

2009

$$\text{Roe} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}} = \frac{89.984}{423.479} \quad \mathbf{21,2488}$$

2008

$$\text{Roe} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}} = \frac{46.897}{332.183} \quad \mathbf{14,1178}$$

Analisando os resultados obtidos podemos concluir que nos anos de 2008, 2009 e 2010 a empresa Wilson Sons apresentou um índice de rentabilidade do patrimônio líquido de 14,11%, 21,24% e 15,16%. Isso significa que os acionistas (investidores), obtiveram uma remuneração de 14,11%, 21,24% e 15,16%, sobre o capital investido na empresa. Comparando com o mercado financeiro de renda fixa, pode-se concluir se é vantajoso aplicar recursos nessa empresa. Este indicador reflete o retorno que os sócios e investidores tiveram em relação ao que foi investido por eles em capital próprio, o ano de 2009 foi o melhor ano para investir na empresa, pois os investidores obtiveram maior retorno sobre o que investiram.

4.8 ANÁLISE FINANCEIRA DINÂMICA OU MODERNA

O Gestor administrativo se defronta diariamente com diversas situações de investimento e financiamento, origens e aplicações de recursos, muitas destas decisões podem afetar na administração do capital de giro da sociedade. As empresas atualmente vivem tomando decisões de financiamento, cabendo à gestão de a empresa obter os recursos necessários para financiar toda a estrutura de investimentos, pelo menor custo possível. Alocar eficientemente estes recursos torna-se uma política de gestão na avaliação e escolhas de alternativas, procurarem a melhor alternativa para buscar o retorno esperado.

Entre alguns aspectos essenciais para que a empresa mantenha-se saudável financeiramente, podemos destacar a situação de liquidez positiva, a insolvência pode surgir a excesso de imobilizações, excesso de estoques, prazo longo aos clientes e utilização de fontes de financiamento não adequadas. Repare que o gestor financeiro deve dar extrema importância a boa política de gestão de liquidez, pois pode representar muita preocupação se a empresa não estiver em boas condições. Outra situação é a de manter os fluxos de entrada e saídas de valores sob controle diário, e conhecer as épocas que poderá existir alguma ineficiência de caixa.

A administração de capital de giro é fundamental a sua utilização no ambiente empresarial, procura julgar a situação de equilíbrio ou desequilíbrio financeiro da sociedade. Alcançar este equilíbrio é indispensável para a sobrevivência da empresa. Corresponde a operações de gerenciamento dos principais elementos, liquidez, créditos de clientes, estoques e passivos de curto prazo. Entre as transações que afetam o giro da empresa podemos destacar:

a) Aumento de capital de giro:

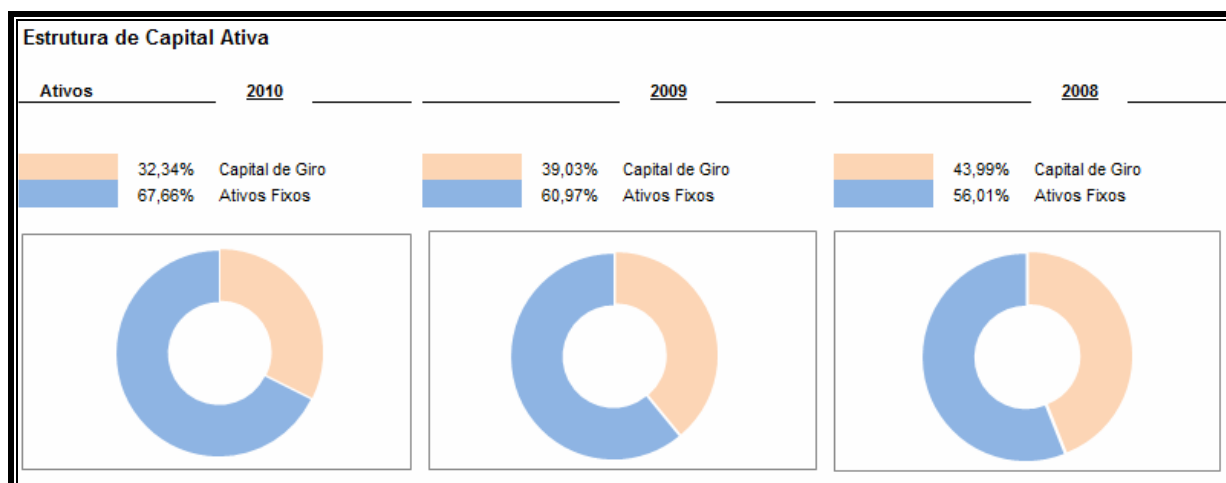
- Lucro líquido do exercício;
- Aumento de capital integralizado pelos sócios;
- Obtenção de financiamentos de longo prazo;
- Recursos obtidos com venda a terceiros de bens do ativo fixo.

b) Redução do capital de giro:

- Prejuízo líquido do exercício;

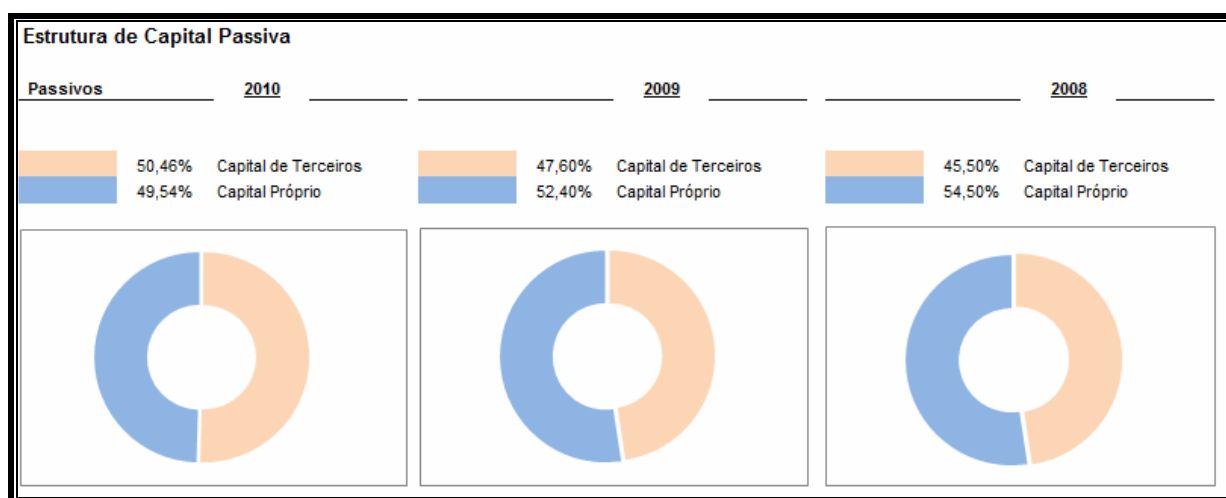
- Compra de ativo imobilizado a vista ou em curto prazo;
- Aquisição de novos investimentos permanentes;
- Aplicação de recursos no ativo diferido;
- Fornecimento de empréstimos a longo prazo;
- Transferência da dívida de longo prazo para curto prazo.

Depois de calculadas as análises iniciais, foram estruturadas anualmente as composições patrimoniais em percentuais, os Quadros 09 e 10 demonstram a estrutura patrimonial.



Quadro 09: Estrutura de Capital Ativa da Wilson Sons 2008 a 2010.

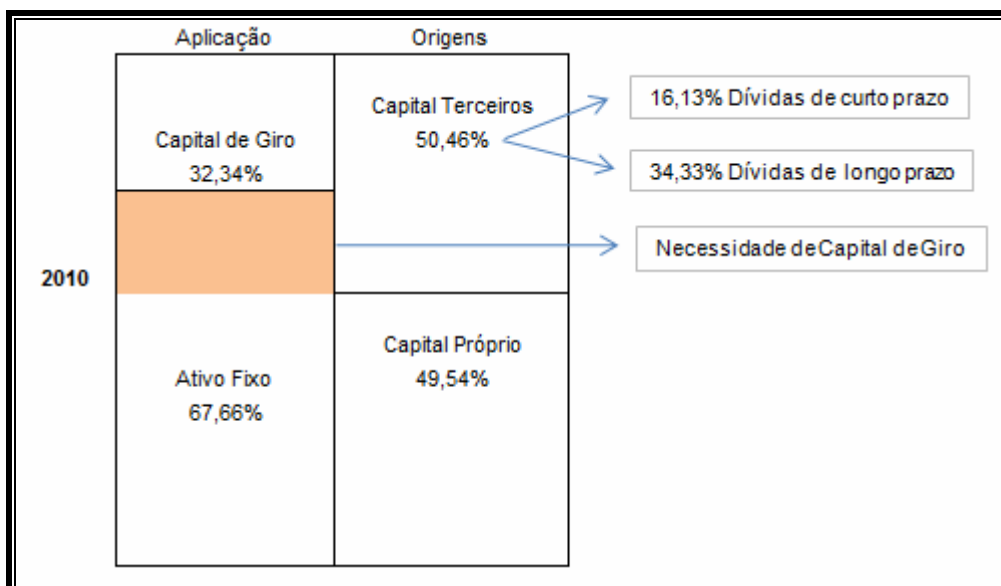
Fonte: O autor



Quadro 10: Estrutura de Capital Passiva da Wilson Sons 2008 a 2010.

Fonte: O autor

Em uma análise macroeconômica, pode-se dividir o passivo do Balanço Patrimonial em capitais próprios e capitais de terceiros. Já o ativo, pode-se dividir em ativo fixo e ativo de giro. Conforme informações retiradas dos balanços publicados pela empresa Wilson Sons em seu site, foram elaborados gráficos de estrutura de capital da sociedade. Em uma primeira verificação, analisando 2008, percebe-se que os capitais de giro da empresa não são suficientes para liquidar as dívidas com terceiros, e o capital próprio da empresa não foi capaz de financiar investimentos em recursos de ativo fixo. Esta verificação continua ainda nos próximos anos, por esta estrutura de capital não se pode chegar a uma conclusão convincente sobre a análise da empresa. Aprofundando ainda mais as análises, calcula-se de outra forma, conforme apresentado nos Quadros 11,12 e 13:



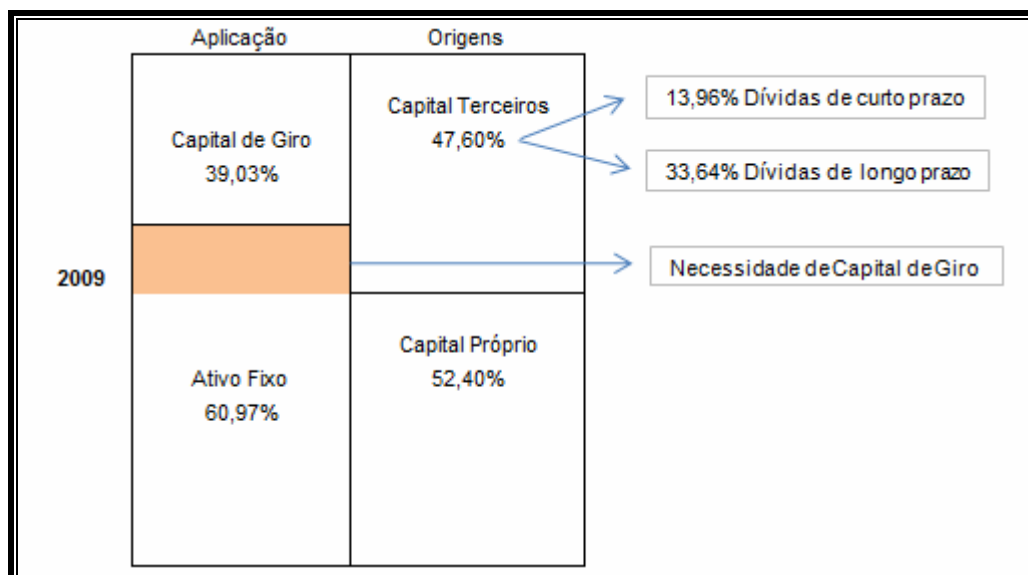
Quadro 11: Demonstração da Necessidade de Capital de Giro – 2010.

Fonte: O autor

Ao se considerar somente os valores de curto prazo como giro do ativo e passivo, conclui-se que a empresa se encontra em situação de capital de giro positivo, os 32,34% dos valores do ativo estão suficientes para liquidar os 16,13% que a empresa esta endividada em curto prazo, o que diminui o fator de risco da empresa. No contexto geral de capital próprio relacionado com capitais de terceiros (curto prazo e longo prazo), fica claro que a sociedade esta financiando os seus ativos com capitais de terceiros de longo prazo, o que no ambiente empresarial, é a decisão correta, prorroga suas dívidas a fim de ver o negócio girar mais e poder

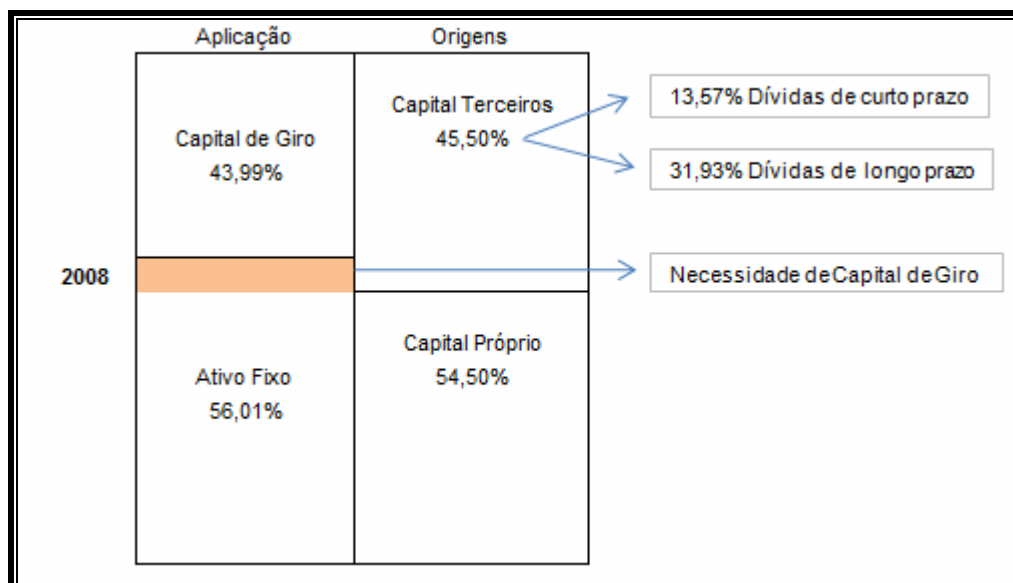
suprir esta carência financeira de longo prazo. O capital próprio da empresa não é suficiente para financiar os ativos fixos, cabendo novos financiamentos junto a terceiros para financiar parte das suas imobilizações.

Conclui-se que a parcela de necessidade de capital de giro destacada acima, ainda não está em condições críticas, já que as verificações de administração de capital de giro são verificadas com contas de curto prazo, tanto do ativo quanto passivo. A empresa opta em financiar ativos com financiamentos de terceiros, como meta o próprio segmento de pagar estas dívidas, não sendo necessária uma captação de recursos de curto prazo, o que seria trágico para sociedade, destruindo o capital de giro e diminuindo ainda mais a liquidez, podendo aumentar seu endividamento e diminuir a solvência e a saúde financeira da Wilson.



Quadro 12: Demonstração da Necessidade de Capital de Giro - 2009
Fonte: O autor

No ano de 2009 a empresa Wilson Sons apresenta um Capital de Giro de 39,03% e suas dívidas totalizam 47,60% conforme se pode verificar no gráfico. A Necessidade de Capital de Giro está aumentando em relação ao ano de 2008 visto pelos gráficos de estrutura de capital. O capital de giro continua em boa situação, os 39,03% são suficientes para liquidar os seus passivos de curto prazo, que totalizam 13,96%.



Quadro 13: Demonstração da Necessidade de Capital de Giro – 2008.

Fonte: O autor

Conforme se verifica no gráfico acima, o ano de 2008 foi o melhor ano entre os três analisados, o capital de giro da empresa era de 43,99% e as dívidas tanto de curto como de longo prazo totalizavam 45,50%. A necessidade de capital de giro a curto prazo é irrelevante, a empresa continua em boas condições de giro em curto prazo, em se tratando de capitais de terceiros, a necessidade apresentava um percentual muito baixo, podendo a empresa arrumar recursos próprios para esta necessidade.

4.8.1 PARECER FINAL DA EMPRESA

Quanto aos resultados obtidos através dos indicadores relacionados no presente estudo, podemos destacar os mais relevantes, conforme mostra a Tabela 01:

Tabela 01: Indicadores mais relevantes da Wilson Sons.

INDICADORES	2010	2009	2008	OBSERVAÇÃO	Situação da Wilson Sons
Liquidez Corrente	R\$ 2,00	R\$ 2,79	R\$ 3,24	Quanto maior, melhor	REGULAR
Liquidez Geral	R\$ 0,72	R\$ 0,91	R\$ 1,03	Quanto maior, melhor	RUIM
Grau de Imobilização do Capital Próprio	R\$ 1,27	R\$ 1,07	R\$ 0,97	Quanto menor, melhor	RUIM
Retorno do Ativo (ROA)	R\$ 7,51	R\$ 11,13	R\$ 7,69	Quanto maior, melhor	REGULAR
Retorno do Capital Próprio (ROE)	R\$ 15,16	R\$ 21,24	R\$ 14,11	Quanto maior, melhor	REGULAR

Diante dos resultados apresentados na Tabela 01, pode-se identificar que no Indicador de Liquidez Corrente, nota-se claramente que esta diminuindo em função da contratação de financiamentos de longo prazo e aumento significativo na conta de Fornecedores. Mesmo com este decréscimo, o Indicador de Liquidez Corrente não está em uma situação ruim, pois a empresa Wilson Sons consegue pagar suas obrigações em relação ao que dispõe de recursos de capital próprio. O Indicador de Liquidez Geral também apresenta queda, os resultados estão mais preocupantes, pois a empresa está buscando recursos de terceiros para suprir suas necessidades de caixa e investir em imobilizado, os financiamentos estão afetando o indicador de Liquidez Geral.

O Grau de Imobilização do Capital Próprio está aumentando, o que não é vantajoso para a empresa, o Patrimônio Líquido não é suficiente para pagar o Ativo Permanente, necessitando assim, de capitais de terceiro. Quanto ao retorno que a empresa e os investidores tiveram, observa-se claramente que o ano de 2009 foi o mais satisfatório, pois obteve maior Lucro Líquido, este resultado ocorreu em função das Receitas Financeiras estarem elevadas e as Despesas Financeiras diminuírem.

Em relação à política de giro utilizada pela empresa, a gestão financeira manteve-se nestes três anos verificados, fica claro que a empresa opta em manter os capitais de giros positivos, e capta recursos financeiros de longo prazo para financiar os seus ativos de giro (curto e longo prazo) e os ativos fixos. Há apenas uma pequena variação entre os giros de passivo de curto prazo, está aumentando as porcentagens por intermédio de alguns acréscimos de financiamentos (2008 – 13,57%, 2009 – 13,96%, 2010 – 16,13%), o que ainda pode ser irrelevante, cabe a empresa, manter esta postura de captar recursos de longo prazo, manter a empresa em liquidez constante, capaz de suprir suas dívidas totais de curto prazo.

Quanto à análise econômica, a Wilson apresenta lucratividade constante sobre os serviços prestados, a margem operacional da empresa se mantém em aproximadamente 20% nos anos 2008 e 2009, porém, 2010 esta margem ficou em torno de 13%, a empresa conseguiu aumentar suas receitas, porém não conseguiu diluir os custos fixos, e ainda assim, aumentou os custos fixos, o que acaba influenciando diretamente o resultado líquido. O resultado líquido da sociedade ficou um pouco deficiente em 2008 devido ao acréscimo nas despesas financeiras,

oriundas de empréstimos, financiamentos e variações cambiais, este efeito foi sentido em 2008, seu maior resultado apurado entre os anos verificados.

Já no ano de 2010, o resultado financeiro obteve um equilíbrio, não houve variação significativa comparada aos demais anos, o que de fato acabou impactando o resultado líquido foi às alienações de investimentos. É necessário que a empresa revise os seus custos fixos a fim de aumentar a margem operacional, o que afetaria diretamente o resultado líquido, as captações de recursos de terceiros estão prejudicando o resultado financeiro. Esta política de gestão pode trazer resultados mais satisfatórios para a empresa em longo prazo.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo procurou demonstrar de forma adequada, a fundamentação teórica das análises econômico-financeira dinâmica e tradicional, bem como, facilitar o entendimento com um exemplo prático utilizando a empresa Wilson Sons. Observa-se a conceituação inicial teórica através de obras de renomados autores, destacam-se as funcionalidades particulares de cada indicador, formas de utilizações, cálculos e suas características, desta forma os objetivos específicos foram alcançados.

Na segunda parte deste trabalho, chega-se à aplicabilidade prática do plano de análise elaborado. Apresentam-se a empresa, dados relevantes, informações financeiras e econômicas, na qual o estudo desenvolve-se. Ao final percebe-se que o objetivo geral foi alcançado, pois foi possível identificar quais os índices econômico-financeiros que mais sofreram variações nos últimos três anos na empresa Wilson Sons e diagnosticar quais as possíveis causas destas variações. Esses índices são Indicadores de Liquidez Corrente, Liquidez Geral, Grau de Imobilização do Capital Próprio, Retorno do Ativo, Retorno do Capital Próprio, todos eles variando de forma negativa.

Diante dos resultados obtidos, nota-se claramente que a Liquidez Corrente esta diminuindo com o passar dos anos em função da empresa Wilson Sons optar em adquirir financiamentos de longo prazo e aumento significativo na conta de Fornecedores. O Indicador de Liquidez Geral também apresenta queda, os resultados estão mais preocupantes, pois a empresa esta buscando recursos de terceiros para suprir suas necessidades de caixa e investir em imobilizado, os financiamentos estão afetando o indicador de Liquidez Geral.

O Grau de Imobilização do Capital Próprio esta aumentando, o que não é vantajoso para a empresa, o Patrimônio Líquido não é suficiente para pagar o Ativo Permanente, necessitando assim, de capitais de terceiros. Com relação ao Retorno do Ativo e o Retorno do Capital Próprio, destaca-se o ano de 2009, observa-se claramente que a empresa e os investidores tiveram um retorno maior de investimento, foi o ano mais satisfatório, pois foi o ano com maior Lucro Líquido.

Em relação à política de giro fica claro que a empresa opta em manter os capitais de giros positivos, capta recursos financeiros de longo prazo para financiar os seus ativos de giro (curto e longo prazo) e os ativos fixos. Cabe a empresa,

manter esta postura de captar recursos de longo prazo e se manter em liquidez constante, capaz de suprir suas dividas totais de curto prazo.

Quanto à análise econômica, a Wilson apresenta lucratividade constante sobre os serviços prestados, a empresa consegue aumentar suas receitas, porem não conseguiu diluir os custos fixos. É necessária a revisão de seus custos fixos a fim de aumentar a margem operacional, o que afetaria diretamente o resultado líquido.

Conclui-se que a empresa Wilson Sons, após a análise das demonstrações contábeis, buscou promover crescimento interno, baseando-se em capitais de terceiros a longo prazo, concentrou seus investimento em um aumento dos ativos fixos, desta forma fica claro que a Wilson Sons tem como objetivo, no futuro, aumento de suas receitas, possibilitando assim, pagar os investimentos e crescer no mercado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSAF NETO, Alexandre. *Estrutura e Análise de Balanços – um enfoque econômico- financeiro*. 9ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.
- BRASIL, Haroldo Vinagre; BRASIL, Haroldo Guimarães. *Gestão financeira das empresas: um modelo dinâmico*. 4.ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.
- BRIGHAM, Eugene F. HOUSTON, Joel. *Fundamentos da Moderna Administração Financeira*, São Paulo: Campus, 1999.
- CARMO-NETO, Dionísio. *Metodologia científica para principiantes*. 3. ed. São Paulo: Edição do Autor, 1996.
- FACHIN, Odília. *Fundamentos de Metodologia*.3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- FRANCO, Hilário. *Contabilidade geral*. 23.ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Altas, 1999.
- GITMAN, Lawrence J. *Princípios de administração financeira*. 7.ed. São Paulo: Harbra, 1997.
- HELFERT, Erich A. *Técnicas de análise financeira*. 9.ed. Porto Alegre: Bookman, 2000.
- IUDÍCIBUS, Sérgio de. *Análise de balanços*. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MARION, José Carlos. *Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MATARAZZO, Dante C. *Análise financeira de balanços – abordagem básica e gerencial*. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2003.
- MATTAR, Fauze Najib. *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise*. São Paulo: Altas, 1997.

MOTTA, Regis da Rocha; CALÔBA, Guilherme Marques. *Análise de investimentos: tomada de decisão em projetos industriais*. São Paulo: Atlas, 2002.

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JORDAN, Bradford D. *Princípios de administração financeira*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. 9ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999

SILVA, José Pereira da. *Análise financeiras das Empresas*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

WWW.WILSONSONS.COM.BR

WWW.BMFBOVESPA.COM.BR